

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

EDSONINA JOSEFA DE CARVALHO



ESTRELA DO ORIENTE:

UMA FOLIA DE REIS DO SETOR PEDRO LUDOVICO

GOIÂNIA, GOIÁS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marlene Castro Ossami de Moura.

GOIÂNIA
2009

C331e Carvalho, Edsonina Josefa de.
Estrela do Oriente : uma folia do setor
Pedro Ludovico, Goiânia, Goiás / Edsonina Josefa de
Carvalho. – 2009.
126 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás,
Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2009.
“Orientação: Profª. Drª. Marlene Castro Ôssami de
Moura”.

1. Folia de reis – religiosidade – sonoridade – cultura
popular. 2. Folia de Reis Estrela do Oriente – história –
Goiânia (GO). I. Título.

CDU: 398.332(817.3)(043.3)

DSONINA JOSEFA DE CARVALHO

ESTRELA DO ORIENTE:

UMA FOLIA DE REIS DO SETOR PEDRO LUDOVICO

GOIÂNIA, GOIÁS

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Marlene Castro Ossami de Moura - UCG - (Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge (Membro)

Profª Drª Yara Moreyra (Membro)

GOIÂNIA, 30 de junho de 2009

Ao meu querido filho, Vinícius, pelo incentivo ao crescimento intelectual. Aos meus irmãos, João Edson e Juscelito, que sempre me apoiaram em todos os momentos. À querida amiga Silvana Calzada, pelo suporte financeiro e emocional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Pai, meu guia, meu amigo, meu tudo!

Às minhas amigas, colegas de curso: Cleonice Abreu Fialho, Elene Mendonça Motta Tripple e Rosângela dos Reis Protásio, que desde o início deram-me ânimo para seguir em frente até a conclusão deste curso.

À Profª Drª Marlene Castro Ossami de Moura, que me orientou com dedicação, desde a prova de seleção até a conclusão deste trabalho.

À Drª Luciana Faleiro Marques, pelo acompanhamento psicológico.

Ao Prof. Dr. Estércio Márquez Cunha, pela orientação na construção do texto da parte musical.

À Profª Drª Maria Augusta Calado de S. Rodrigues, pela atenção e a doação de valioso material de pesquisa.

À Profª Ms. Francis Otto, pelas referências à seleção deste curso e o fornecimento de valioso material de pesquisa.

À Profª Diretora do Centro Livre de Artes, Débora Pereira de Moraes Marra pela carta de apresentação à prova de seleção e o constante apoio.

À Profª Coordenadora do Centro Livre de Artes, Adriana Andraus, pela acessibilidade, apoio e compreensão das necessidades exigidas para composição deste trabalho.

À Profª Coordenadora do Colégio Estadual Parque Santa Cruz, Silma Aparecida de Sousa Moraes, pelo incentivo ao meu crescimento intelectual.

Aos Professores Doutores que transmitiram seus conhecimentos com competência e dedicação: Bendito Rodrigues dos Santos, Emílio Fogaça, Luiz Eduardo Jorge, Manuel Ferreira de Lima, Marlene Castro Ossami de Moura, Paulo Jobim, Roque de Barros Laraia, Sibeli Aparecida Viana.

Aos meus colegas do Centro Livre de Artes, especialmente; Tereza Lisboa, Wheide de Mello e Vandair de Lima pela colaboração às transcrições musicais.

A Regina Maria Borges e Ana Lúcia Dias, pela contribuição na área de informática.

À Secretária do curso de Mestrado, Rejane Michele da Silva Souza, pelo carinho, atenção e presteza no atendimento.

Ao casal Adão Cardoso e Domingas Monteiro, presidente e coordenadora da Folia Estrela do Oriente, e a todos os foliões, que me permitiram participar de suas vidas.

*Mudando o necessário e conservando o imprescindível,
Talvez possamos preservar a memória nacional...*

Aluízio Magalhães.

RESUMO

Este trabalho tem um duplo objetivo. No primeiro momento procura-se estudar a história e o desenvolvimento da Folia de Reis Estrela do Oriente que se originou na zona rural, no município de Itaberaí, Goiás, no início do século XX. Em 1962 a folia foi transferida para Goiânia, sendo reanimada em 2004, com sede em Aparecida de Goiânia. Em 2008, a sede foi transferida para o setor Pedro Ludovico, em Goiânia, em caráter provisório. No segundo momento serão analisadas as cantorias, a partir do repertório das cantorias de chegada, de pedido de esmolas, de agradecimentos, de saída; dos benditos de mesa ou agradecimento; e os cantos do terço. Por meio de partituras e letras dos versos se analisará a forma de expressão musical da folia em estudo, a partir de dois sistemas: Goiano e Mineiro.

Palavras-chave: Folia de Reis, religiosidade, sonoridade, cultura popular.

ABSTRACT

This study has two objectives. The first consists in analyzing the history and the development of *Folia de Reis Estrela do Oriente*, a folk festival which originated in the rural area of Itaberaí, Goiás, in the early 20th century. It was transferred to Goiânia in 1962 and revived in Aparecida de Goiânia in 2004. In 2008, the festival was temporarily transferred to Setor Pedro Ludovico, in Goiânia. The second objective focuses on the festival's songs based on the repertoire of songs expressing arrival, alms-begging, acknowledgements, and departure, as well as on table blessings and rosary chants. By using verse scores and lyrics, the festival's musical expression was analyzed via systems from Goiás and Minas Gerais.

Keywords: Folia de Reis, religiousness, sonority, popular culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. FOLIA DE REIS: ORIGEM E EXPRESSÃO DE FÉ	14
1.1 Origem da Folia de Reis	14
1.2 Catolicismo Popular	15
1.3 Folia dos Três Reis Magos	17
1.4 Cultura e Diversidade Cultural	20
1.5 Folia de Reis: Festa e Música como Expressão de Fé	23
2. ETNOGRAFIA DA FOLIA DE REIS ESTRELA DO ORIENTE	27
2.1 Origem	27
2.2 Nome e Reorganização	30
2.3 Estrutura da Folia	33
2.4 Funções de cada Folião	37
2.4.1 Gerente-capitão	37
2.4.2 Gerente-coordenador	38
2.4.3 Embaixador	39
2.4.4 Alferes da bandeira	39
2.4.5 Palhaço	40
2.4.6 Foliões: cantores e tocadores	41
2.5 Bandeira	47
2.6 Jornada da Bandeira: O Giro	50
2.6.1 Escolha do festeiro	52
2.6.2 Almoço da saída da folia	53
2.6.3 Saída da folia	54
2.6.4 Giro da Folia Estrela do Oriente	54
2.6.5 Reza do terço	57
2.6.6 Festa de encerramento: chegada da folia	60
3. SONORIDADE DAS FOLIAS DE REIS	66
3.1 Repertórios de Folias de Reis	67
3.2 Repertório da Folia Estrela do Oriente	71
3.2.1 Cantorias Próprias	73
3.2.2 Cantorias do Terço da Folia Estrela do Oriente	78
3.2.3 Cantoria do Bendito de mesa	80
3.3 Estrutura da Folia de Reis Estrela do Oriente	81
3.4 Ordem de apresentação dos foliões	82
3.5 A música na Folia Estrela do Oriente	83
4. CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	92
ANEXOS	97

INTRODUÇÃO

A Folia de Reis é uma festa religiosa cuja origem inscreve-se na tradição herdada dos portugueses que vieram para o Brasil no período da colonização. Esse costume, um aspecto importante da cultura popular brasileira, tem subsistido através dos tempos e é lembrado todo o ano durante os meses de dezembro e janeiro. Para Brandão (1985, p. 138), “as Foliás de Reis são a viagem ritual mais difundida no nosso país e a mais rica de ritos e crenças próprias”.

Estudar a trajetória da Folia de Reis Estrela do Oriente do Setor Pedro Ludovico foi o modo de resgatar a história e as formas de comunicação e de expressão da fé vivenciadas por meio do ritual próprio dessa tradição, cuja sustentação está na música – elemento imprescindível para a realização dessa festa religiosa. A Folia de Reis em estudo não se restringe ao giro¹ realizado nos dias estipulados do mes de dezembro e/ou janeiro. No decorrer do ano, o grupo também faz apresentações em escolas e outras repartições públicas.

Com a escolha do tema Folia de Reis pretende-se reconhecer as referências culturais locais, por meio da compreensão da organização social, das crenças e das habilidades artísticas. Pretende-se também, com este trabalho, compreender as relações estabelecidas na sociedade, para assim ressignificar a sua continuidade no tempo presente.

No início foram eleitas duas folias goianas como escopo desta pesquisa: a Estrela do Oriente, de Goiânia (GO), e Mensageiras de Maria, de Trindade (GO). Ambas são folias mistas, mas a primeira é formada em sua maior parte por homens, enquanto a segunda tem maioria feminina. Para fundamentar o trabalho sobre essas duas folias, buscaram-se subsídios nas relevantes pesquisas de Brandão (1985, 2004) e Moreyra (1983, 1984), responsáveis por estudos sobre a Folia de Reis de Mossâmedes (GO). Não foi possível continuar a pesquisa com a primeira Folia porque não puderam participar do giro de 2008 e tão pouco em outras apresentações costumeiras.

Para a realização deste trabalho, no que diz respeito à Folia de Reis Estrela do Oriente, foram significativas as contribuições de autores como Oliveira (1976, 1997), que enfatiza a figura do santo como elemento central do catolicismo popular praticado na folia. Brandão, por sua vez, fala sobre a religiosidade popular citada por Oliveira e sobre a figura do santo, que

¹ Giro ou jornada são todos os dias da viagem da bandeira percorridos pelos foliões, de casa em casa, cantando e acompanhados pelo som dos seus instrumentos. Estão incluídos nessa jornada as refeições, os pousos e a festa de encerramento.

não provém de uma caipirização ingênua, mas resulta da transformação de um sistema religioso erudito e do direito de cada um ser e viver do seu jeito. A partir dos enfoques de Durkheim (2000) e Eliade (1992) – que fornecem elementos para que seja analisada a devoção aos Santos Reis por meio de cantos, gestos e situações cerimoniais – é abordada a questão dos rituais que expressam a fé e a crença. Laraia (2006) ajuda na conceituação de cultura e diversidade, a partir da qual serão tecidas algumas reflexões, com auxílio de autores como Taylor (apud LARAIA, 2006) e Tassinari (1995).

Falar de folia pressupõe uma observação atenta de toda sua organização: o processo ritual, as crenças, a distribuição de funções, a direção do giro, as refeições, as cantorias, as relações harmoniosas e conflitantes, entre outros aspectos. A Estrela do Oriente, que tem origem rural, ainda hoje visita algumas casas em fazendas, principalmente nos dias do giro. Pode-se afirmar que essa folia é um exemplo de prática da religiosidade popular que resistiu a pressões sociais.

Na composição deste trabalho procedeu-se de modo diversificado quanto à metodologia. Para realizar a pesquisa foram utilizadas fontes documentais, audições de gravações, transcrições de partituras e outras baseadas nos estudos já citados e autores diversos. Durante a pesquisa de campo foram feitas entrevistas informais, filmagens e fotografias. Foi solicitada autorização para o uso das imagens, dos sons instrumentais e das vozes dos foliões e outras pessoas envolvidas diretamente com a folia.

Acompanhamos, passo-a-passo, o giro da Folia Estrela do Oriente que teve sua saída no dia 25/12/2008 e chegada (término) no dia 06/01/2009, quando foi encerrada com um jantar de despedida na residência dos festeiros, Sr. Adão Cardoso e D. Domingas.

As seguintes apresentações da Folia Estrela do Oriente foram também acompanhadas para a realização da pesquisa: Casa das Artes, em Goiânia (2/8/2008); Escola Municipal Dona Angelina Pulcci Limongi, Setor Santos Dumont (18/8/2008); Escola Municipal Lina Marra, Parque João Braz (3/9/2008); Escola Municipal Laurindo Sobreira do Amaral, Conjunto Vera Cruz II (27/9/2008); celebração da missa sertaneja realizada pelo Serviço Social do Comércio, em Goiânia (25/10/2008).

Em outubro de 2008 houve a participação na segunda etapa do projeto que foi realizado no *Campus* – EMATER. Os mestres de culturas tradicionais presentes sugeriram a formação de um projeto para a instituição de uma sede: um Ponto Cultural em Goiânia com o objetivo de socorrer as inúmeras necessidades e amenizar as dificuldades que enfrentam para participar do processo de preservação da nossa cultura popular. No dia 1/1/2009, houve a

participação no VIII Encontro de Folia de Reis em Goiânia, realizado na Praça Santo Afonso – Igreja Matriz de Campinas, em Goiânia.

Apresentamos neste trabalho o relato das atividades da folia das seguintes datas: 25/12/2008 – início da missão da Folia Estrela do Oriente com a reza do terço, almoço na residência de Adão Cardoso, no setor Pedro Ludovico, giro feito à tarde nesse mesmo setor e jantar servido na casa de Adão Viana, em Aparecida de Goiânia; 27/12/2008 – giro no período vespertino no setor Conde dos Arcos, em Aparecida de Goiânia, terço e jantar na residência de Getúlio Damas Nepomuceno, no setor Marista Sul, em Aparecida de Goiânia; 4/1/2009 – atividades no setor Pedro Ludovico: almoço na casa de Maria Eugênia, giro do período vespertino e jantar na casa de Ducílda Monteiro; 6/1/2009 – também no setor Pedro Ludovico: chegada da folia e jantar de despedida na residência dos festeiros, Adão Cardoso e Domingas Monteiro.

Este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro, dialoga-se com diversos autores para buscar algumas luzes teóricas que norteiem as reflexões com relação à contextualização da Folia de Reis como expressão de fé, vivenciada em clima de festa e muita música.

No segundo capítulo é apresentada a etnografia da Folia Estrela do Oriente, baseada na pesquisa de campo. Nessa parte é reconstituída a história da folia, que tem origem no início do século XX, na fazenda Estaca, município de Itaberaí (GO), com a família Bezerra. Em 1962 a folia é transferida para Goiânia e no ano seguinte, após o falecimento de Crispim Bezerra, passa aos cuidados da família Damas Nepomuceno. Mais tarde a tradição é reanimada por Domingas Monteiro, que ajuda a organizá-la. Em 12 de setembro de 2004 a folia renasce, com o nome Estrela do Oriente e sede em Aparecida de Goiânia, sob os cuidados de Adão Cardoso e Domingas Monteiro. No dia 10 de outubro de 2008 – depois de retificadas as falhas detectadas na ata de fundação e posse da diretoria da Associação de Foliões e Catireiros Estrela do Oriente – a sede é transferida para o setor Pedro Ludovico, em Goiânia, em caráter provisório. Ainda nesse capítulo são apresentadas a estrutura e a atual organização da folia, assim como o relato da apresentação do último giro realizado entre 25 de dezembro de 2008 e 6 de janeiro de 2009.

No terceiro capítulo são analisados os instrumentos e as cantorias da Folia Estrela do Oriente, uma vez que a música é o meio pelo qual o grupo se manifesta, comunica-se, representa e rememora uma parte significativa da identidade cultural regional. Nesse capítulo ainda é apresentado o repertório da folia, composto pelas cantorias de chegada, de pedido de esmolas, de agradecimentos, de saída, os benditos de mesa (ou agradecimentos) e os cantos do

terço. Com base em estudos realizados por Moreyra (1982, 1983, 1984) e por meio de partituras e letras dos versos é explicada a forma de expressão musical nas folias em dois sistemas: o goiano e o mineiro. Para isso, utilizam-se as melodias do *Hino dos Três Reis Santos* e outras que se afirmam como elementos identificadores sonoros da Folia Estrela do Oriente.

1. FOLIA DE REIS: ORIGEM E EXPRESSÃO DE FÉ

1.1 Origem da Folia de Reis

As Folias de Reis são definidas como “os cortejos de caráter religioso popular, que se realizam em vários estados do Brasil, entre o Natal e a Festa de Reis (6 de janeiro)” (PORTO, 1982, p. 13). O surgimento desses cortejos é um tanto obscuro e certamente remoto. No entanto, muitos autores concordam com uma origem ibérica ou pelo menos européia.

Para Moreyra (1983), há problemas na conceituação de folia devido ao uso dessa palavra em situações diversas e até conflitantes. Porém, a autora reconhece que há “um fator de unidade que estabelece um relacionamento entre a manifestação original e suas variantes” (p. 136). Ela acredita que o ponto de partida da folia possa estar em uma “dança portuguesa muito popular nos séculos XVI e XVII, hoje praticamente extinta”. Segundo Borba (1962, apud MOREYRA, 1983, p. 136),

A primeira dança chamada de Folia compunha-se de oito homens vestidos à portuguesa, com gaitas e pandeiros, acordes e com guizos nos artelhos, que pulavam à roda de um tambor, cantando na sua língua cantigas de folgar [...] Bem merecia a tal dança o nome de Folia, porque volteavam com lenços, fazendo ademanos uns para os outros, como quem se congratulava da vinda do Legado, para o qual constantemente se voltavam.

Ainda segundo Moreyra (1983), no início do século XVI as folias passaram a figurar nos cancioneros ibéricos, apresentando instabilidade de ritmo: ora binário, ora ternário. Mas foi no século XVII que a dança se popularizou na Europa, aparecendo como tema ou *cantus firmes* em obras eruditas. Na opinião da autora, tal popularização implicou na transformação da folia em uma música de caráter grave, diferindo do original.

A folia que entrou no Brasil representava uma espécie de dança de fundo religioso, tendendo para uma manifestação mais paralitúrgica que profana. Padre Serafim Leite (1956, apud MOREYRA, 1983) faz uma menção indireta à folia datada de 1549, quando o jesuíta

Manuel da Nóbrega, recém-chegado ao Brasil, relata sobre uma procissão de *Corpus Christi* “mui solene”, presenciando aí “danças e invenções à maneira de Portugal” (MOREYRA, 1982, p. 123). Outras danças foram incorporadas não só às procissões realizadas pelos jesuítas, mas também aos teatros. E nessas danças eram mencionadas as folias (LEITE, 1956 apud MOREYRA, 1983).

Segundo Moreyra (1983, p. 138),

Apesar do controle posteriormente exercido sobre os excessos dramáticos das procissões, o relacionamento Folia/cortejo permaneceu, ou melhor, talvez tenha permanecido a idéia de procissão *com* Folia. Daí, possivelmente, a denominação Folia aos cortejos religiosos populares das festas de Reis, do Divino e dos Santos – embora não mais *com* Folia. (Grifos no original).

As primeiras manifestações das Folias de Reis surgiram nos povoados, sítios, fazendas e vilarejos. A organização estava nas mãos dos leigos, chamados de “especialistas populares”, e não havia a participação de sacerdotes ou representantes eclesiásticos. Posteriormente, a folia difundiu-se para o meio urbano e hoje essa tradição está presente em várias regiões brasileiras, cada qual apresentando sua idiossincrasia. Atualmente a Folia de Reis consiste em um grupo precatório de cantores e instrumentistas (homens e mulheres) que, seguido de acompanhantes, realiza uma peregrinação religiosa (denominada giro) por casas rurais ou urbanas durante os festejos natalinos e os dos Três Reis Santos, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro. Para Brandão (1985, p. 138), “as Folias de Reis são a viagem ritual mais defundida no nosso país e a mais rica de ritos e crenças próprias”.

1.2 Catolicismo Popular

A Folia de Reis e as manifestações religiosas de seus foliões no Brasil estão alicerçadas no catolicismo popular que veio de Portugal, como parte da conquista colonial. Originada nas comemorações e crenças ibéricas introduzidas no Brasil por intermédio dos colonizadores portugueses no século XVIII – como a maioria dos autores acredita –, a folia, segundo Oliveira (2003), tornou-se uma importante tradição do catolicismo popular brasileiro. Oliveira (1997, p. 47) define catolicismo popular como “um conjunto de representações e

práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial”.

Esse catolicismo de tipo popular também se caracterizava pela devoção aos santos, dos quais se esperava proteção tanto para superar dificuldades e resolver os problemas cotidianos quanto para obter a salvação eterna. Para Oliveira (1976) o santo é o elemento central do catolicismo popular – em torno da imagem dele é que se organiza o culto. Seria como se a imagem tivesse vida: o devoto conversa com ela, oferece-lhe flores e velas, enfeita-a, visita-a no santuário, leva-a em procissão e em romaria. No entanto, essa mesma imagem pode também vir a ser punida pelo devoto, quando ele se vê desfavorecido pelo santo.

Ainda segundo Oliveira (1976, 1997), o catolicismo tradicional tem um caráter público que o torna quase obrigatório em certas comunidades: a devoção aos santos não é apenas um assunto particular, mas algo de interesse coletivo. Todos devem participar, de uma forma ou de outra, das festas do padroeiro, das novenas e das rezas. Recusar-se a receber as folias em casa ou negar-lhes uma contribuição – exceções abertas aos crentes ² – significa cortar laços de solidariedade com os vizinhos.

Outro aspecto é que no catolicismo popular o culto aos santos é organizado pela ação de lideranças leigas e a intervenção de sacerdotes é esporádica. Dessa forma, de acordo com Oliveira (1976), pode-se afirmar que essa é uma religião de grande quantidade de reza, com pouca missa; ou ainda, de forte emprego da imagética dos santos e de pequena presença do padre.

Uma diferença marcante entre o catolicismo popular e o oficial é que este buscou substituir as práticas religiosas do povo, de caráter devocional, pelas práticas do catolicismo romano, com enfoque doutrinário, sacramental, centralizado na figura do padre, detentor do que se chama capital religioso. As práticas religiosas do catolicismo popular foram consideradas superstições, crendices, magias, fanatismo, imoralidade, sendo banidas dos espaços sagrados, de domínio do clero, passando a sobreviver à margem da instituição eclesiástica (OLIVEIRA, 1976).

As práticas religiosas dos leigos foram desvalorizadas e ridicularizadas pelo catolicismo romanizado com a substituição dos antigos santos tradicionais, cujo culto incluía as folias, as danças, os banquetes e as festas, por devoções em voga na Europa. O catolicismo romano, portanto, acabou se impondo no âmbito oficial da vida social, expulsando o catolicismo popular para a marginalidade religiosa.

² Denominação popular de filiados às doutrinas cristãs pentecostais e neopentecostais.

Mesmo diante da romanização da Igreja Católica, as práticas da religiosidade popular resistiram, como se observa no Brasil pela multiplicação das folias. A Folia Estrela do Oriente, objeto de estudo deste trabalho, é uma expressão dessa resistência e está alicerçada no catolicismo popular. Outro exemplo é a Folia de Reis de Mossâmedes (GO), descrita por Brandão (1985, 2004), cuja organização está centrada nos leigos.

Na avaliação de Oliveira (1976), a romanização foi suficientemente forte para combater o catolicismo luso-brasileiro, mas não para implantar o catolicismo romano na grande massa de católicos. O povo abandonou muitas de suas tradições, mas não assumiu a prática regular dos sacramentos.

Brandão (1986) enfatiza que essa forma de religiosidade sofreu perseguição do catolicismo oficial, ao ser percebido como prática de pessoas incultas, supersticiosas e, ainda, como fenômeno exótico passível de rápida liquidação. No entanto, o autor reforça que a religiosidade popular permanece até os dias atuais, como uma autoevangelização do povo que se une em torno dela. Brandão ainda destaca que esse tipo de religiosidade não provém de uma “caipirização” ingênua ou depravada, mas trata-se da transformação de um sistema religioso erudito, doutrinário e sacramental em outro, comunitário e devocional. A religiosidade popular é, assim, um espaço de coesão social que ocorre fora do espaço institucionalizado.

1.3 Folia dos Três Reis Magos

Os elementos da origem da Folia de Reis remontam à denominada Epifania, a qual compreende a festa que comemora a passagem bíblica em que é relatada a visita dos Três Reis Magos ao Filho de Deus; ou seja, a manifestação divina para todos os povos.

Marcados por uma devoção comum a partir da sacralização das figuras dos Três Reis Magos, foliões e devotos realizam a folia manifestando-se por meio de cantos, danças, gestos e cerimônias. Pelos rituais eles expressam a crença, a fé e a devoção aos Santos Reis. Nesse sentido, Durkheim (2000, p. xvi) afirma que “os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior dos grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos”.

Religião e festa estão profundamente imbricadas nas manifestações das crenças, fé e devoção dos foliões. Conforme Durkheim (2000, p. 456),

A própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso.

A conseqüência da experimentação do homem como proveniente divino é a repetição dos gestos dos deuses, o que poda a criatividade ou a capacidade de criação, já que o homem esforça-se em imitar e aproximar-se dos deuses, de acordo com Eliade (1992, p. 79):

Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da Vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. [...] a eterna repetição dos gestos exemplares revelados pelos deuses od origine opõe-se a todo o progresso humano e paralisa toda a espontaneidade criadora. [...] Ora, parece evidente que, se o homem religioso sente necessidade de reproduzir indefinidamente os mesmos gestos exemplares, é porque deseja e se esforça por viver muito perto de seus deuses.

De acordo com Valente (2008), a palavra mago deriva do latim *magus* e do grego *mágos* e significa sábio e sacerdote da Pérsia. Ignora-se a exata proveniência dos Três Reis Magos, apenas supõe-se que eles fossem da Arábia. Segundo a tradição, um era negro (africano), o outro era branco (europeu) e o terceiro era moreno (assírio ou persa) – representando toda a humanidade conhecida daquela época. As referências bíblicas são restritas com relação à origem dos Magos e ao episódio da viagem para visitar o Menino Jesus, mas as contribuições da tradição e as suposições têm força de fé e verdade para determinadas comunidades. O simbolismo dos Três Magos como reis é amplo e, na tradição cristã, eles simbolizam os poderosos que deveriam curvar-se diante dos humildes.

Segundo Pessoa e Félix (2007, p. 26), “para a origem dos Magos tantos outros documentos costumam ser citados desde Heródoto (480 – 425 a.C.) passando pelo geólogo grego Estrabão (64 a.C. – 19 d.C.)”. No entanto, o registro mais conhecido sobre eles encontra-se na Bíblia, no Evangelho de Mateus, que os descreve como homens que estudavam as estrelas. O texto não menciona quantos eram, mas deduziu-se que fossem três por causa dos diferentes presentes que levaram ao Menino Jesus: ouro, incenso e mirra (ou olíbano). Essa concepção surgiu no século VII, embora a tradição oriental falasse que os Magos eram em número de doze.

Quem melhor descreveu os Reis Magos foi o monge inglês Beda, o Venerável (673–735 d.C.) no tratado *Excerpta et Colletanea* (apud YAMAUCHI, 1996). Já Pessoa e Félix (2007, p. 26) assim se referem aos Três Reis Santos:

Melquior, um velho de setenta anos, de cabelos brancos e longa barba [...] ofereceu ouro para o Senhor como um rei. O segundo, de nome Gaspar, jovem imberbe e de pele avermelhada [...] honrou-o como Deus com seu presente de incenso, oferenda digna de divindade. O terceiro, de pele negra e de barba cerrada, chamado [...] Baltazar com seu presente de mirra testemunhou o Filho do Homem que deveria morrer.

Com relação aos nomes, segundo Cabús (2008), Gaspar é “aquele que vai inspecionar”, Melquior significa “o Rei é minha luz” e Baltazar, “Deus manifesta o Rei”. O termo reis foi acrescentado aos nomes mais tarde – eles foram assim intitulados porque antigas profecias diziam que reis prestariam homenagens ao Messias.



Figura 1. Três Reis Magos representados por foliões da Estrela do Oriente
Fonte: a autora (2008)

Em 1164, os supostos restos mortais dos Reis Magos foram transferidos para Colônia, na Alemanha. As casas dessa região, ainda hoje, ostentam nos portais a inscrição CMB, que significa *Christus Mansionem Benedicat* – Cristo abençoe esta morada, em português. Muitos interpretam as três letras da inscrição como sendo as iniciais dos nomes dos Reis Magos, devido à semelhança com as primeiras letras desses nomes.

É no dia 6 de janeiro que se homenageiam os Três Reis Magos. A data, que ficou conhecida como Dia de Reis, encerra o ciclo de Natal. As figuras dos Magos também estão ligadas intimamente às festividades natalinas. A eles, por exemplo, é atribuída a tradição do Papai Noel, e os presentes distribuídos atualmente simbolizam as oferendas feitas pelos Magos do Oriente ao Menino Deus, depois de cumprida a rota indicada pela Estrela de Belém até a gruta onde Jesus nasceu.

O Dia de Reis também tem ligação com uma antiga tradição européia, que por sua vez estava intimamente relacionada aos costumes dos povos mediterrâneos, e se aproximava mais do significado litúrgico das festas natalinas. Conta-se que uma senhora idosa saía pelas ruas no dia 6 de janeiro (nunca antes dessa data), entregando presentes aos meninos que se comportaram bem durante o ano que findara. No sul da Itália essa tradição ficou conhecida como Festa da Befana – corruptela dialetal de Epifania (palavra usada ainda como nome de mulher), que mais tarde em Portugal e na Espanha resultou no termo Bifana. Com a influência dos franceses e dos ingleses, a Epifania, ou Bifana, transformou-se na figura do Papai Noel, a quem muitos estudiosos atribuem uma origem pagã (GIMENEZ, 2008).

Atualmente, em algumas regiões, o Dia de Reis parece ter perdido um pouco do significado religioso, mas em algumas localidades da Europa e da América Hispânica a data é ainda mais solene que o dia do Natal. Nesses locais, os presentes são trocados no dia 6 de janeiro. No presépio, os Magos são colocados ao lado da manjedoura onde fica o Menino Jesus.

No Brasil, principalmente no interior, festas como o Reisado e a Cavalhada, que na sua maioria receberam influência européia na celebração da fé católica, também lembram os Reis Magos. Nessas festas, cada uma das cinco regiões do país adotou formas peculiares de expressão, seja na música, na dança ou nas orações. Em comum há as saídas em peregrinação, às vésperas do Natal, para levar a boa nova aos devotos dos Santos Reis.

1.4 Cultura e Diversidade Cultural

Cultura envolve todo o conhecimento humano, passível de aprendizado, e que diferencia o homem de outros animais. O relacionamento do homem com a natureza é

diferenciado porque ele tem a capacidade de fabricar instrumentos e a possibilidade de se comunicar oralmente, o que torna mais eficiente o seu aparato biológico, segundo Laraia (1986). O homem é, assim, o único ser possuidor de cultura.

Os antecedentes históricos do conceito de cultura têm seu marco no final do século XVIII e no princípio do seguinte. Naquele período era utilizado o termo germânico *kultur* para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto no francês era utilizado o termo *civilisation* principalmente como referência às realizações materiais de um povo. Mais tarde, Taylor sintetiza esses dois termos, criando o conceito de cultura, entendida como um “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 1986, p. 25).

Taylor (apud LARAIA, 1986) vai ser muito criticado por deixar de lado toda a questão do relativismo cultural e tornar impossível o moderno conceito de cultura que dialoga com a diversidade cultural. Da discussão desse conceito descobriu-se, na Antropologia, a dimensão relacional das culturas; ou seja, admitiu-se que cada cultura só tem significado para aquelas que nelas se reconhecem. Desse princípio surge a grande contribuição da Antropologia para a compreensão da diversidade cultural, que é o relativismo cultural. Seu pressuposto básico é que todo fato cultural, toda produção humana só tem sentido quando analisada na cultura em que foi criada.

Nesse sentido, não há cultura melhor ou pior, superior ou inferior, verdadeira ou falsa, rústica ou erudita. Os indivíduos são condicionados a agir conforme um modo de vida que neles foi introduzido; são formados dentro de uma tradição que é passada de geração a geração. A partir dessa tradição, os indivíduos constroem um modo de representar o cosmos, um sistema de valores que dão sentido a sua existência como povo, como coletividade. Dessa forma, não é possível julgar os costumes de uma sociedade sem levar em conta o que eles representam para aquele grupo. O Relativismo Cultural vem afirmar o respeito ao modo de ser de culturas diferentes.

Em *O pensamento selvagem*, Lévi-Strauss refuta a abordagem evolucionista segundo a qual as sociedades simples dispõem de um pensamento mágico que antecede o científico e que, portanto, é inferior a ele. Na verdade, segundo Laraia (1986), as sociedades formam um sistema bem articulado e têm um pensamento lógico, encontrando sua coerência dentro do seu próprio sistema.

Atualmente, o conceito de cultura utilizado pela Antropologia não se restringe aos costumes, técnicas e artefatos, mas está relacionado ao significado que eles têm no interior de

um código simbólico. Para Tassinari (1995, p. 448) cultura é o “conjunto de símbolos compartilhados pelos integrantes de um determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações”. Esses símbolos só podem ser entendidos no interior de um determinado código de significados.

No entanto, a cultura não é estática, mas se transforma por meio da história. Tassinari (1995) destaca ainda que a cultura não é definida mais como um conjunto fixo de costumes, artefatos e crenças que pode ser armazenado ou resguardado em museus ou livros, independentemente das pessoas. Cada pessoa tem maneiras próprias de interpretar sua tradição e tem traços pessoais que imprime às formas de agir e aos objetos que produz.

Dessa forma, pode-se afirmar que a Folia de Reis é uma recriação cultural e religiosa própria de um grupo de pessoas de um local específico, cujo significado tem ligação com a fé. Pelo fato de estarem alicerçadas na religiosidade popular, as folias passaram a ser vistas conforme os rótulos a ela atribuídos: uma prática de pessoas incultas, ignorantes e supersticiosas (ALVES, 1999). Assim, é possível visualizar uma clássica divisão entre cultura erudita, acadêmica e científica em oposição à cultura popular, rústica, espontânea.

No Brasil, o preconceito contra as práticas religiosas do povo teve origem no interior da própria Igreja Católica, com o processo de romanização do catolicismo, em meados do século XIX. Esse período da história da Igreja consistiu na reforma, na restauração católica, na reorganização eclesiástica.

As principais reformas desse período foram com relação ao clero e ao povo. O clero passou a ter uma formação doutrinária de caráter piedoso no interior dos seminários, o que os afastou do convívio direto com o povo. Quanto aos fiéis cristãos, a orientação era substituir as práticas religiosas do catolicismo tradicional, de caráter devocional, pelas práticas do catolicismo romano, com enfoque doutrinário e sacramental. As práticas populares eram consideradas crendices supersticiosas, mágicas, fanáticas e imorais, motivo pelo qual foram combatidas e exorcizadas dos espaços sagrados, de domínio do clero, passando a sobreviver à margem da instituição eclesiástica (OLIVEIRA, 1976). As práticas religiosas dos leigos foram desvalorizadas e ridicularizadas pelo catolicismo romanizado, com a substituição dos antigos santos tradicionais – cujo culto incluía folias, danças, banquetes e festas – por devoções em voga na Europa.

Deve-se enfatizar que não existe uma cultura superior e legítima e outra inferior e ilegítima. A coerência de um hábito cultural ou de uma manifestação religiosa somente pode ser analisada a partir do sistema ou do grupo a que pertence. No Brasil, há várias expressões na Folia de Reis, seja na música, na dança e nas orações. Há folias que mantiveram as

características tradicionais, rurais; outras sofreram modificações e se apresentam como urbanas. No entanto, cada uma tem seu valor e seu próprio *ethos*.

1.5 Folia de Reis: Festa e Música como Expressão da Fé

A ideia de folia é relacionada à de festa como cultura popular e associada ao movimento estimulado pela música; é, talvez, o desdobramento sensível mais importante de todos os períodos históricos. Contudo, essa ideia está interligada com a religiosidade evidenciada na história da humanidade. A música está inserida na sociedade como um dos mais importantes elementos culturais, direcionado a celebrar a vida nos diferentes estágios da consciência histórica. O ato de festejar e a fé estão presentes em quase todas as manifestações humanas (OLIVEIRA, 2003).

Cada grupo faz a festa a sua maneira e por vários motivos. Os camponeses comemoravam a colheita com dia de folga, comidas simples, danças animadas, ao som de algum instrumento musical, geralmente de percussão. Os nobres faziam festas pomposas, com abundantes e variadas iguarias, além de muita música. Ou, então, realizavam bailes de máscaras, para eximir-se da culpa provocada pelas suas orgias. Do dia de folga, de divertimento, de comemorações, de brincadeiras, de pândega, enfim, de folias, originou-se o termo folguedo (CASCUDO, 2000).

Festa e religião são duas realidades distintas, cada uma preserva sua autonomia. No senso comum, a festa está ligada ao imanente, ao lúdico, ao divertimento e à informalidade, enquanto a religião é percebida como transcendente e marcada por regras, cerimônias, interditos e obrigações. Porém, religião e festa, ao contrário do que se rotulou como realidades estanques, articulam-se e criam um território comum, uma interseção que se convencionou chamar de festas religiosas ou ritos religiosos festivos (CAMURÇA, 2003).

Segundo Perez (2002, p. 23),

Tanto na festa como na cerimônia religiosa, o homem é transportado para fora de si, distrai-se de suas preocupações cotidianas. Em ambas observam-se as mesmas manifestações, como, por exemplo, gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, busca de excitantes que aumentam o nível vital.

A festa é um ato coletivo que se realiza em uma dimensão extraordinária, extratemporal e extralógica. Ela instaura uma outra forma de vivenciar o social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções. Para Perez (2002), a festa não é um mero produto da vida social, muito menos um simples fator de reprodução da ordem estabelecida pela via da inversão. Segundo a autora, a festa é o ato mesmo da produção da vida. Oliveira (2003, p. 27) classifica a festa por sua dimensão mais humana do que a do trabalho, considerando-a “gramática de exageros”, com que os homens adquirem a possibilidade de tocar as dimensões mais ocultas de sua própria e difícil realidade.

No caso das Folias de Reis, Oliveira (2003) afirma que as festas remontam a um tempo de afirmação da esperança, promovendo uma espécie de volta às origens representadas pelo louvor ao nascimento de Jesus. Segundo essa autora (p. 26), “a reza, a dança, a alegria das roupas, a musicalidade compõem a Folia de Reis”, ultrapassando o tempo cotidiano, rotineiro, ordinário para a imersão em um tempo extraordinário, sagrado. Os foliões promovem, com sua *performance*, uma viagem mítica ao nascimento do Menino Deus, figura central do cristianismo, depositário de toda bem-aventurança, de todas aspirações e esperanças de um povo oprimido. Para Pessoa (1993), pelo menos nas Folias de Reis os pobres são os sujeitos principais da vida da comunidade local – enquanto cumprem essa obrigação sagrada, os foliões são sempre muito cortejados, além de poderem comer bem e à vontade. Na folia é comemorado o recomeço, a possibilidade de uma vida mais abençoada e menos sacrificante.

Na Folia de Reis o tempo ordinário e o tempo extraordinário não estão separados, mas integrados no conjunto das ações dos foliões, contrariando, assim, as proposições de Durkheim (2000). Para o autor, o pensamento religioso é dividido em dois domínios que se distinguem e se opõem: o sagrado e o profano. Esses dois domínios não são apenas concebidos como separados, mas são hostis e ciosamente rivais um do outro, não podendo aproximar-se e conservar ao mesmo tempo sua natureza, porque o sagrado pode ser contagiado. Portanto, sagrado e profano se excluem radicalmente. Para Durkheim, só é possível uma aproximação quando se pode passar de um desses domínios para o outro. Esses domínios perdem, assim, suas características específicas e assumem as características um do outro, uma vez que não se podem aproximar e conservar, ao mesmo tempo, a própria natureza.

Ao contrário de Durkheim, outros autores propõem o inverso. Rivière (1996), por exemplo, ressalta a dificuldade de discernir as fronteiras entre o sagrado e o profano, uma vez que existem formas de sacralidade que estão fora da religião.

A superação da dicotomia entre sagrado e profano é importante para a análise das folias, que no cotidiano não fazem tal separação. Na festa, rezas, cantorias, danças, comensalidades, bebidas e trabalho estão imbricados holisticamente no mais íntimo de cada folião. Essa integração entre o sagrado e o profano já era comum na Idade Média, quando “a música profana de caráter popular influía mais ou menos diretamente na música sacra”. A dança, por sua vez, “não só se praticava nos átrios das igrejas, mas até no interior dos templos” (SUBIRÁ, 1953 apud MOREYRA, 1983, p. 137). Por exemplo, o moteto (*mot*, do francês, significa palavra), um tipo de música sacra do século XIII, era cantada alegremente com letras profanas, em forma coral a três vozes (BENNETT, 1986).

Para Pessoa (1993), o folião não se preocupa muito em distinguir o que é fé/devoção do que é alegria de se divertir e comer bem à custa dos Três Reis Santos. Se isso faz parte da vida, faz parte também da devoção aos santos protetores. Da Matta (1991) ressalta que as festas recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais, assumindo um papel importante na manutenção da sociedade, reabastecendo-a de energias, de disposição para continuar seguindo a vida. Assim, a folia é imbuída de devoção, de alegria, de fé, de muita reza e muita festa, que não só refazem as energias e recompõem as forças perdidas na labuta do dia a dia, mas também alimentam a esperança dos foliões de ver chegar os dias do giro.

Um elemento constitutivo e importante da folia é, sem dúvida, a música. Ela é o meio, por excelência, pelo qual é transmitida a tradição. Assim, revelam-se os costumes, a religiosidade e a crença nos Santos Reis, símbolos de prosperidade, fartura, alegria e muitas bênçãos.

O elemento primordial da música é o som; entretanto, nem sempre ele é música. A organização do som pode tornar-se música pela intervenção do ser humano: diretamente, pela voz, ou indiretamente, por meio de um instrumento. O som se propaga no silêncio em forma de ondas oscilatórias captadas pelo ouvido e percebidas pelo tato. Os sons naturais são aqueles que se manifestam espontaneamente na natureza e no nosso corpo, enquanto os sons culturais são produzidos pelos instrumentos inventados pelo homem.

Nas sociedades humanas o papel da música é central, como citado anteriormente, e é necessário dialogar com outros domínios – artes, discurso, cosmologia, religião, filosofia e política – para que se compreenda essa significação estratégica. Um estudo antropológico aprofundado da música, que toque no seu fundo sociocultural, no seu nível semântico, envolve necessariamente uma minuciosa análise de seu nível expressivo.

Béhague (apud LUCAS, 2002, p. 18) afirma que

Como um meio de comunicação não verbal [a música] é uma das ferramentas mais poderosas da auto-expressão, da auto-afirmação e da auto-consciência humana em relação à dimensão cósmica ou cosmovisão de um grupo social. A música funciona também como um forte agente de coesão social, seja em termos de classe social, ou de identidade étnica ou cultural.

A música também está inserida na sociedade como um importante elemento cultural. Seu estudo é bastante antigo e ela é vista a partir de diferentes abordagens, a exemplo da etnomusicologia, conceituada como antropologia da música (MERRIAM, 1964 apud CRUVINEL, 2005, p. 54) ou, mais propriamente, como etnografia da música (SEEGER, 1992). A etnomusicologia, que surgiu entre o fim do século XIX e o início do século XX, é a ciência que objetiva o estudo da música no contexto cultural ou o estudo da música como cultura.

A principal diferença entre a musicologia e a etnomusicologia está no foco. Enquanto a musicologia se preocupa primeiramente com o texto musical, a etnomusicologia dá ênfase ao contexto no qual a música está inserida, como forma de compreender o porquê daquela música ser da forma que é. É nessa última compreensão que será focado este estudo; ou seja, como a música se faz presente nas folias e sobretudo na Folia Estrela do Oriente.

Nas práticas religiosas, a música não é apenas um elemento ornamental e complementar, ela preenche e conduz os rituais que dão significados para aqueles que os vivenciam. A música, juntamente com a dança, torna-se o principal veículo da experiência religiosa em certos rituais; portanto, as duas estão completamente integradas dentro da organização social de tais religiões (BÉHAGUE apud LUCAS, 2002).

Na concepção de Dufrene (1972 apud CLÍMACO, 2002, p. 53) é o mundo que o homem revela através da obra de arte, e portanto da música, “o mundo dos outros homens”, o mundo regido pelo tempo, que faz o ser humano sempre criar o novo, uma forma de concepção artística entendida como a configuração de uma estrutura simbólica. Para o autor, o belo, a estética em termos de obra de arte, está em uma relação de significado, e esse significado está sempre na representação do homem com o mundo. Por isso, a força ritual da música usada na Foliás de Reis as faz girar, no tempo e no espaço.

2. ETNOGRAFIA DA FOLIA DE REIS ESTRELA DO ORIENTE

2.1 Origem

A Folia Estrela do Oriente é oriunda de uma tradição da família Bezerra, que morava na fazenda Estaca, localizada no município de Itaberaí (GO). Getúlio Damas Nepomuceno (Figura 2), sobrinho de Crispim Bezerra – proprietário da fazenda e iniciador da tradição –, relata sobre as raízes da folia, no início do século XX:

Antes de 1956, meu tio Crispim gerenciava essa fazenda e também essa folia, conhecida como Folia de Reis da Família Bezerra. Adair Bezerra era seu filho e foi o embaixador por muitos anos. [Ele era] dotado de uma belíssima voz, mas infelizmente bebia muito. Quanto mais bebia melhor cantava, mas desapareceu e não se sabe que rumo tomou. Presume-se que ele tenha morrido [em] suas andanças e que tenha sido enterrado como indigente.

De acordo com o Sr. Getúlio, todos os anos, no mês de dezembro, os foliões saíam da fazenda Estaca a cavalo para fazer o giro (as visitas de casa em casa) em outras propriedades da região. A folia retornava em 6 de janeiro, dia de Santos Reis, quando era feita a festa da despedida.

Com a venda da fazenda Estaca, houve mudanças nessa tradição. No ano de 1962, Crispim Bezerra transferiu-se para Goiânia (GO), junto com outras famílias que moravam em sua propriedade, inclusive a de Teodolino Damas Nepomuceno, pai do Sr. Getúlio. O grupo buscou na capital – que na época ainda estava se formando – melhores condições de vida, de estudo e de trabalho. Os familiares do Sr. Crispim se instalaram no setor Pedro Ludovico, enquanto os membros das outras famílias passaram a residir nos setores Palmito e Vila Pedroso.

Como não possuíam recursos suficientes, as famílias se ajudaram, repartindo o que tinham para se sustentarem até que, aos poucos, a situação financeira foi melhorando. Embora não tivessem procurado apoio na Igreja e em nenhuma outra instituição, todos sobreviveram com dignidade. Nessa época, aos 36 anos, Sr. Getúlio conseguiu emprego como cobrador de ônibus.

Apesar de todas as dificuldades que acompanham as mudanças de residência e de hábitos, o grupo não perdeu o costume de viver unido, como na fazenda Estaca. Em nenhum

ano as famílias deixaram de participar da folia, que continuou a girar – a diferença era que, no lugar dos cavalos, os foliões utilizavam ônibus coletivos.

Com a morte do Sr. Crispim, em 1963, a tradição da Folia de Reis da Família Bezerra ficou ameaçada e quase chegou ao fim. Foi então que a família do Sr. Getúlio assumiu a festa, que passou a ser chamada de Folia de Reis da Família Damas Nepomuceno.

Naquela época os foliões saíam do setor Pedro Ludovico e percorriam outros bairros onde havia conhecidos, como Vila Regina, Vila Pedroso, setor Palmito e Vila Nova, mas a festa de despedida era feita geralmente no setor Pedro Ludovico. Mais tarde, quando o Sr. Getúlio mudou-se para o setor Marista Sul, em Aparecida de Goiânia, a folia passou a sair de lá, onde também era feito o encerramento.

Dentre aqueles foliões, destacam-se os Viana – que até hoje participam ativamente da atual Folia Estrela do Oriente –, devotos fervorosos de Santos Reis. De acordo com Antônio Viana, em 1945, junto com outras pessoas, sua família caminhou da Bahia até Goiás, instalando-se em Goiânia, na Vila Nova (setor que era quase somente mata, como ele conta). De origem negra, os integrantes da família Viana foram tratados como se fossem escravos. Segundo o Sr. Antônio, eles não podiam andar pelas ruas da cidade com a mesma liberdade e os direitos dos brancos. Eram obrigados a se valerem de uma enxada nas costas para serem reconhecidos como trabalhadores. Se algum policial os encontrasse sem a ferramenta nas costas, espancava-os e prendia-os como se fossem ladrões, vadios – o que, na época, acontecia com todas as pessoas negras. Além disso, de acordo com Antônio Viana, eles jamais podiam tomar bebidas alcoólicas em bares, tampouco jogar sinuca, como comumente os brancos faziam. Os negros não tinham direito a diversão, viviam somente para o trabalho.

Na família Damas Nepomuceno, atualmente apenas cinco dos dez irmãos estão vivos. Os cinco que já morreram são: José Damásio, Manuel Grino, Sebastião, Alcina e Terezinha, que cantava a quarta voz. Dos cinco irmãos vivos – Maria, José Cleber, Altamiro, Aparecida e Getúlio – hoje somente os dois últimos participam ativamente como foliões da Estrela do Oriente. Maria Damas não acompanha a folia, porque deixou de ser católica e passou a frequentar a Igreja Evangélica.

Depois da morte de Terezinha, em 2001, houve o enfraquecimento e uma nova ameaça de extinção da folia. Diante da situação, Aparecida Nepomuceno tornou-se foliona ativa e ficou responsável pelo toque do chocalho. O marido dela, Edmar Arantes, passou a apoiá-la vestindo-se de palhaço, o que continua fazendo até hoje. Quando há necessidade, ele ainda toca pandeiro e caixa. Élitá, a filha solteira do casal, também toca caixa de vez em quando. Dessa forma, com o passar do tempo, Aparecida foi se afeiçoando cada vez mais à folia,

principalmente depois que houve a reorganização do grupo e o registro com o nome Estrela do Oriente.

O Sr. Getúlio, atualmente com 78 anos, continua morando no setor Marista Sul, em Aparecida de Goiânia. Devoto dos Santos Reis com “muita honra”, casou-se, teve dez filhos, ficou viúvo, casou-se novamente e aposentou-se, após 36 anos de trabalho como cobrador de ônibus. Para ele, a devoção aos Santos Reis é muito importante, pois representa a preservação da tradição familiar, além de ser algo que o anima e o revigora.

Ao participar intensamente da folia, ele é um exemplo para os familiares. Apesar da idade, o Sr. Getúlio ainda reúne forças para estar sempre presente no giro e também em folias dos amigos. Alferes da bandeira dos Santos Reis desde os dezessete anos, ele ainda exerce essa função – embora não mais oficialmente – no giro da Folia Estrela do Oriente e em apresentações realizadas ao longo do ano (exceto as que acontecem fora da Igreja, das quais o Sr. Getúlio prefere não participar). Católico praticante, ele sempre participa das missas de domingo e todos os anos, após o dia 13 de dezembro, monta em casa o presépio consagrado a Santa Luzia, protetora dos olhos.



Figura 2. Getúlio Damas Nepomuceno
Fonte: a autora (2008)

Nos últimos anos, após ter sido registrada como Associação dos Foliões e Catireiros do Estado de Goiás, a Folia Estrela do Oriente tem se apresentado em escolas, centros culturais e outros locais fora do giro. O Sr. Getúlio diz que não gosta muito de participar dessas apresentações avulsas porque é o giro que representa com mais fidelidade a visita dos Santos Reis ao Menino Jesus. Mais importante, como enfatiza o folião, é “manter o costume antigo”. Mesmo assim, ele se apresentou como alferes da bandeira em uma missa sertaneja realizada pelo Serviço Social do Comércio (Sesc/GO), em outubro de 2008.

2.2 Nome e Reorganização

Há certo consenso entre os foliões em atribuir o renascimento e a reestruturação da folia em estudo a Domingas Monteiro de Lima (D. Duzinha), uma vez que em 2001, conforme mencionado, havia ocorrido uma nova ameaça de extinção da tradição, que estava então sob a responsabilidade da família Damas Nepomuceno. Sobre o primeiro encontro com a bandeira dessa folia, D. Duzinha conta:

Em 1960, casei-me pela segunda vez. Mudei para o setor Pedro Ludovico no dia 29 de junho de 1962. A folia do Sr. Getúlio bateu na porta da minha casa em 1966. Minhas condições financeiras na época eram precárias, não tinha nem açúcar para se fazer um chá e, tampouco, um café para oferecer aos foliões. Muito triste, peguei a bandeira de Santos Reis e levei para o quarto, me ajoelhei e chorei. Senti muita saudade da casa de meu pai quando recebia a folia, com muita fartura de comida, e muitas latas de doces. Ainda de joelhos, na frente da bandeira de Santos Reis, eu pedi um trabalho para mim e para meu marido. Nessa mesma semana recebemos a graça por inteiro, pois nós dois arranjamos emprego. Em troca da graça recebida, prometi cuidar da folia por três anos seguidos, com a ajuda apenas dos devotos. Após esses três anos, não parei de acompanhar e cuidar dessa folia, que estava prestes a se extinguir.

A primeira providência da nova coordenação foi proibir os foliões de consumir bebida alcoólica em excesso. De acordo com D. Duzinha, essa foi uma tarefa difícil, mas aos poucos a situação foi sendo contornada. Até hoje ela cuida dos foliões para que eles respeitem as regras da folia em relação ao uso de bebidas alcoólicas, quando vão se apresentar.

Como a folia era carente de uniformes, alimentação e transporte, entre outros itens, os novos coordenadores decidiram buscar ajuda. Para angariar recursos e fortalecer o grupo, procuraram informações sobre a forma de registrar a folia. No final do ano de 2004, D. Duzinha e o marido, Adão Cardoso de Sousa, souberam da fundação da Federação dos

Catireiros Foliões do Estado de Goiás (FCFEGO), que estava sediada na Rua C-244, Quadra 500, Lote 3, no setor Jardim América, em Goiânia. A fundação é inscrita no CNPJ/MF sob o nº. 07.393.550/0001- 67 e declarada de utilidade pública pela Lei Estadual nº. 5.431, de 21 de outubro de 2005, a título de incentivo às atividades culturais.

Após obter essas informações, os organizadores buscaram formalizar a existência da folia. No dia 12 de setembro de 2004 foi assinada, então, a ata de fundação, eleição e posse da diretoria da Associação de Foliões e Catireiros Estrela do Oriente (Assesor), sediada na Rua Tetéu, Quadra 40, Lote 25, no setor Colina Azul, em Aparecida de Goiânia. A partir daí, a Assesor passou a ser regulamentada pela FCFEGO. No ano de 2008 a sede foi transferida para o município de Goiânia, em caráter provisório.

Na ocasião do registro, Adhemar Batista, presidente da Federação dos Foliões, sugeriu o nome Folia de Reis Estrela do Oriente do Setor Pedro Ludovico, que foi bem aceito. A inserção do setor Pedro Ludovico no nome deve-se ao fato de ser neste bairro a residência de D. Duzinha e Sr. Adão. Vale lembrar que também foi no setor Pedro Ludovico a primeira residência da família do Sr. Getúlio, quando se transferiu da fazenda Estaca para Goiânia. Emocionada, D. Duzinha afirma: “o nome Estrela do Oriente não poderia ser mais adequado para essa folia, porque ela foi a luz que brilhou no horizonte da minha vida”.

Embora tenha se empenhado para registrar a folia e não deixá-la morrer, na ata de fundação, eleição e posse da primeira diretoria o nome de D. Duzinha não consta como assessora ou como coordenadora – função que ela exerce efetivamente, com dedicação e competência –, como lembra o Sr. Getúlio. E é a função de coordenadora que ela prefere desempenhar em vez de ser, por exemplo, presidente. Esposa, mãe e dona de casa por excelência, para D. Duzinha o mais importante é poder dar atenção à sua família.

Na inscrição, houve a adesão de várias outras pessoas que tinham afinidade com a folia e disponibilidade para representá-la. A diretoria foi composta pelo presidente, vice-presidente, cinco conselheiros, três titulares e dois tesoureiros; o conselho fiscal foi formado por três foliões, além dos suplentes³.

Na ata de fundação, eleição e posse da diretoria da Assesor constam os nomes dos seguintes foliões:

- Presidente: Adão Cardoso de Sousa.
- Vice-presidente: Joaquim de Paula Vilela.

³ Ata da fundação da Assesor e Estatuto Social da Associação de Foliões e Catireiros Estrela do Oriente (ver anexos).

- Tesoureira: Aline Helena Vieira.
- Secretária: Durcilene Monteiro das Chagas Garcia.
- Conselho Fiscal: José Viana, Antônio Viana dos Santos, Edmar Arantes.
- Suplentes do Conselho Fiscal: Noélia Rocha Silva, Valdeci Clememte Rocha.

Além de presidente da Assessor, Adão Cardoso de Sousa é presidente e capitão da Folia Estrela do Oriente. É ele o responsável pela administração da folia e pelas apresentações para as quais o grupo é convidado a participar ao longo do ano. O cargo de vice-presidente atualmente está vago, após a morte do mineiro Joaquim de Paula Vilela, aos 52 anos, no dia 22 de outubro de 2008. A tesoureira, Aline Helena Viana, é filha de José Viana e Divina Helena, cantores na folia. É ela que recebe (como pessoa física) o dinheiro enviado pela Federação. Com essa verba são supridas necessidades financeiras do grupo, como para realizar as apresentações culturais, mas há outras despesas que ficam sob a responsabilidade do presidente.

Durcilene Monteiro das Chagas Garcia, que ocupa o cargo de secretária da Folia Estrela do Oriente, é filha de D. Duzinha. Aparecida Nepomuceno Arantes foi designada para ocupar a função de vice-secretária (Apêndice A); no entanto, o nome dela não está inscrito na referida ata da Assessor. Ela participa, junto com os outros foliões, do projeto de educação patrimonial, divulgando a cultura por meio das apresentações em escolas e centros culturais, entre outros locais. Católica – embora afirme não praticar os mandamentos da igreja com regularidade –, Aparecida destaca o reconhecimento e o respeito que tem pelo trabalho do seu irmão, Sr. Getúlio, e da nova coordenadora do grupo, D. Duzinha.

De acordo com as cláusulas relacionadas no Estatuto de Fundação da Associação de Foliões e Catireiros Estrela do Oriente, compete aos membros da diretoria as seguintes funções:

Seção III – Da diretoria executiva da Associação de Foliões e Catireiros Estrela do Oriente.

Art. 27 – Compete ao Presidente:

- I. Convocar a Diretoria Executiva, presidir suas reuniões e fazer cumprir suas deliberações na forma deste Estatuto;
- II. Fazer cumprir as deliberações da Assembléia Geral;
- III. Representar a ASSESSOR, judicial ou extrajudicialmente, podendo constituir procuradores para representar a Associação, para fins específicos;
- IV. Supervisionar a administração da Associação, adotando as providências adequadas ao eficiente entrosamento dos diversos setores administrativos;
- V. Zelar pela fiel observância deste Estatuto e dos regulamentos;

- VI. Vetar as resoluções da Diretoria Executiva quando contrariar os interesses da ASSESSOR ou quando ferir direito líquido e certo, sendo seu veto de caráter suspensivo recorrendo à Assembléia Geral, obrigatoriamente, no prazo de 30 dias;
- VII. Assinar sempre em conjunto com o tesoureiro, cheques, endosso de cheques, suas requisições, abertura, movimento e encerramento de contas bancárias, solicitação de saldo e ordens de pagamento em qualquer instituição financeira ou privada;
- VIII. Assinar sempre em conjunto com o tesoureiro, todos os instrumentos que impliquem em transações patrimoniais ou que criem obrigações para a ASSESSOR;
- IX. Assinar correspondências, rubricar os livros da ASSESSOR e assinar os diplomas que lhe forem outorgados;
- X. Resolver “ad-referendum” da Diretoria Executiva os casos omissos neste Estatuto e de solução inadiável;
- XI. Admitir, suspender, ou demitir empregado, respeitando os dispositivos da legislação trabalhista;
- XII. Delegar poderes ao Vice-Presidente para que este pratique atos administrativos, desde que não envolvam responsabilidades financeiras à Associação;
- XIII. Firmar em nome da Associação escrituras, contratos, distratos ou quaisquer outros documentos que envolvam responsabilidade;
- XIV. Conceder títulos honoríficos;
- XVI. Conceder licença ou substituir membros da Diretoria Executiva, sendo que as licenças não poderão exceder 90 dias;
- XVI. Praticar, sempre que necessário, qualquer ato ou negócio de interesse da Associação, mesmo que não haja previsão neste Estatuto;
- XVII. A direção de todas as providências relativas à conservação dos bens móveis e imóveis da Associação, execução de obras, reparos, consertos e benfeitorias;
- XVIII. Levantar e manter em dia o cadastro de todos os bens da Associação, móveis e imóveis, títulos de direito e outros de uso e pertences da Associação;
- XIX. Dirigir o almoxarifado;
- XX. Preparar o inventário geral anual, para organização do balanço anual.

Art. 28 – Compete ao Vice-Presidente:

- I. Substituir o presidente em suas faltas e impedimentos;
- II. Assessorar e auxiliar o presidente na execução das tarefas que lhe forem determinadas.

Art. 29 – Compete ao Secretário:

- I. Lavrar e assinar as atas;
- II. Executar os assentos escriturais da entidade;
- III. Atualizar o registro dos membros da Associação;
- IV. Redigir correspondências.

Art. 30 – Compete ao Tesoureiro:

- I. Pagar as despesas autorizadas;
- II. Proteger o patrimônio social pelo qual é responsável;
- III. Assinar com o presidente os cheques e documentos que envolvem responsabilidade financeira da Associação;
- IV. Liberar pequenas despesas, “ad-referendum” do presidente;
- V. Manter atualizada a escrituração contábil e zelar pelos livros e documentos contábeis e fiscais da entidade.

2.3 Estrutura da Folia

A Folia de Reis Estrela do Oriente é formada por homens, em sua maioria. O grupo é composto por cantores e tocadores de sanfona, viola, violão, cavaquinho, pandeiro, chocalho, reco-reco e caixa. Ao compará-la com a folia de Mossâmedes, estudada por Carlos Brandão em 1985, são observadas algumas diferenças entre os grupos. Por exemplo, na folia estudada por Brandão, não há a figura do palhaço, nem instrumentos como o chocalho, o reco-reco e a sanfona.

Os integrantes da Folia de Reis Estrela do Oriente visitam moradores de casas urbanas e rurais e fazem o giro, normalmente, entre os dias 1º de dezembro e 6 de janeiro de cada ano. No entanto, o giro também é realizado em datas diferentes, para que haja o revezamento dos foliões tanto na execução dos instrumentos musicais quanto na intensa cantoria dos rituais. Às vezes, uma folia tem início no dia 25 de dezembro e é encerrada no dia 6 de janeiro. Outra pode começar no dia 1º de janeiro e terminar no dia 4 desse mesmo mês. As folias podem se estender até o dia 20 de janeiro, data consagrada a São Sebastião. Além das cantorias, os grupos se responsabilizam, às vezes, pela preparação da comida.

Apesar de professarem a fé católica, os foliões não se envolvem com os trabalhos nas paróquias e apenas alguns deles freqüentam missas. Na folia não há ritos e celebrações com a participação de padres e outros religiosos da Igreja Católica. Toda a organização das rezas e das festividades fica sob a responsabilidade de leigos. No giro 2008/2009 a folia não fez, por exemplo, a visita costumeira ao presépio montado na paróquia do setor Santo Antônio.

Nesse giro foram visitadas várias casas dos seguintes setores de Goiânia: Pedro Ludovico, Chácara do Governador e Parque Flamboyant. Em Aparecida de Goiânia foram visitados os bairros Pabilon, Jardim Olímpico, Marista Sul, Vila Brasília, Jardim Atlanta, Hilda, Espansul, Santo Antônio e Jardim Esmeralda.

Desde 2004 a casa do Sr. Adão e D. Duzinha, no setor Pedro Ludovico, tem sido o local de saída e de chegada da folia, onde também acontece a festa de encerramento. Alguns familiares do Sr. Getúlio gostariam que essa folia ainda pertencesse à sua família. A irmã dele, Aparecida, reconhece, no entanto, que

A pessoa que é dona é aquela que sabe cuidar e cuida. Eu não tenho esse dom, essa força que a dona Duzinha tem. Por isso, eu estou de acordo que a folia que foi da nossa família esteja em suas mãos, tendo em vista que ela fez essa folia renascer e providenciou que ela fosse batizada com o nome de Estrela do Oriente. Isso não impede que alguém da nossa família, ou de outra, forme uma folia. Santos Reis são para todas as pessoas que têm devoção e acreditam neles. Só que ainda nenhum de nós se prontificou para assumir uma folia com responsabilidade.

Atualmente o grupo participa de importantes eventos, como o III Encontro Folclórico Sesc Faiçalville, realizado no dia 25 de outubro de 2008, em Goiânia (Apêndices C, D, E, F). A Folia de Reis Estrela do Oriente, junto com a Folia do Sr. Genésio, se apresentou durante o ofertório e ao final da missa solene sertaneja celebrada naquele dia. Antes da celebração, houve uma procissão – aberta pelo padre e os ministros da Eucaristia, que estavam em um carro de bois, e seguida por várias pessoas. Após a chegada da procissão, um grupo de congada homenageou Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, protetores dos negros. Além

de cantar louvores, os congos dançaram ao som das caixas e de chocalhos. No encontro também aconteceu uma exposição de objetos artesanais indígenas e outros, que representam o folclore e a cultura de Goiás.



Figura 3. Folia Estrela do Oriente, entrada dos alferes com a bandeira e os palhaços
Fonte: a autora (2008)

A missa foi celebrada no espaço central do auditório do Sesc. As letras dos cantos religiosos foram adaptadas às melodias sertanejas. Para o canto de entrada foi utilizada a melodia da música *Boiadeiro errante*. Para a letra do canto do Ato Penitencial foi adaptada a melodia da música *Couro de boi*. No Hino de Louvor foi usada a melodia da música *Rio de lágrimas* e, para a aclamação ao Evangelho e a Ação de Graças, *Luar do sertão*.

A participação da Folia Estrela do Oriente foi precedida pela apresentação de um presépio vivo. Os personagens – José, Maria, o Menino Jesus e os Três Reis Magos – foram preparados por D. Duzinha.

Outras apresentações foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2008, quando a Estrela do Oriente visitou oito escolas municipais em diferentes bairros de Goiânia: Setor Santos Dumont, Residencial Goiânia Viva, Setor Cândido de Moraes, Parque João Braz, Nova Esperança, Cidade Jardim, Conjunto Vera Cruz e Setor Finsocial.



Figura 4. Apresentação na Escola Municipal Ernestina Lina Marra, Goiânia
Fonte: a autora (2008)

O comentário seguinte, de um dos foliões, revela o contentamento com a participação nos eventos:

Ainda bem que nossa folia não para de se apresentar durante o ano, como as outras. Quando a gente mal começa a ficar com saudades, nos encontramos de novo. É muito bom, porque [...] ela fica conhecida em diferentes lugares e a história dos Três Reis, também.

Na Estrela do Oriente já aconteceu de folião pedir pagamento para cantar e tocar – é a comercialização do ritual de fé, citada por Brandão (2007). Para combater a ameaça de que o rito se transforme em um negócio, o casal que atualmente cuida do grupo diz ter todo o cuidado, erradicando procedimentos que não condizem com a tradição para que a folia não perca o sentido. Uma das formas de se conseguir isso é aceitar no grupo todas as pessoas devotas aos Santos Reis; assim, os organizadores sempre conseguem cantores e tocadores

substitutos. Embora nem sempre essas pessoas sejam preparadas, por meio dos ensaios e motivadas pelas pequenas apresentações aos poucos elas se tornam aptas a participar da folia.

2.4 Funções de Cada Folião

As folias têm como objetivo principal homenagear o nascimento de Jesus, suas viagens e a visita a Belém. Isso é feito com festa, por meio das cantorias, da alegria e da comida com fartura, que é sinal de prosperidade. A humanidade é representada pelos foliões nas figuras dos Três Reis Santos.

Na Folia Estrela do Oriente a estrutura hierárquica é a seguinte: gerente-capitão (presidente), gerente-coordenador, embaixador, alferes da bandeira, palhaço e foliões. Algumas vezes um mesmo folião desempenha mais de uma função dentro da folia. Cada uma delas será exposta com mais detalhes, em seguida.

2.4.1 Gerente-capitão

Essa função é desempenhada por Adão Cardoso de Sousa – também chamado de presidente, por ocupar a diretoria da Assessor –, pedreiro e morador do setor Pedro Ludovico. Ele é o guia, sendo às vezes denominado capitão nos dias do giro da folia. É ele quem agenda as apresentações nas escolas e em outros locais, no decorrer do ano. O Sr. Adão é também o responsável pela filmagem dessas apresentações.

As funções do gerente da Estrela do Oriente são as mesmas identificadas por Brandão (2004) na Folia de Mossâmedes. São elas: cuidar da disciplina do grupo, reunir os foliões, fazer advertências a respeito dos atributos religiosos e das obrigações do ritual, controlar os horários e vigiar o uso de bebidas alcoólicas, bem como a atuação de cada folião, dentro ou fora das apresentações das cantorias.

2.4.2 Gerente-coordenador

Junto com o gerente-capitão, o gerente-coordenador é responsável por fazer cumprir as regras acima citadas. Atualmente na Folia Estrela do Oriente essa função é exercida por Domingas Monteiro Lima (D. Duzinha), mulher do Sr. Adão. Todos os problemas que surgem são levados ao conhecimento dos dois que, desde 2004, cuidam da folia “com todo o zelo”, como dizem, auxiliando-se mutuamente para suprir as necessidades do grupo, divulgar e fortalecer essa tradição.

Apesar da hierarquia, as decisões são tomadas em comum acordo entre os gerentes (presidente e coordenadora) e os foliões. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando ficou acertado que todos os foliões também seriam os festeiros, junto com o casal de gerentes. O objetivo dessa mudança foi estimular um maior empenho de todos os integrantes, visando o fortalecimento do grupo.

D. Duzinha, no entanto, é quem toma os cuidados com os uniformes, com os instrumentos, com a bandeira, com a confecção e a escolha da toalha que nas apresentações é colocada sobre os ombros e em volta do pescoço, como distintivo do folião. É também D. Duzinha quem cuida da alimentação dos foliões, quando não é oferecido lanche durante os eventos. A coordenadora ainda confirma as datas das visitas e faz os contatos com os donos das casas onde serão oferecidos almoços, jantares e pousos para os integrantes do giro.

Na Estrela do Oriente já houve casos de suspensão por causa do uso de bebida alcoólica em excesso durante o giro e as apresentações. Quando suspensa, a pessoa pode participar da folia somente como acompanhante. Entretanto, os foliões atendem prontamente quando são advertidos por D. Duzinha ao se comportarem de forma inadequada, contrariando as normas do grupo. A solidariedade é o ponto forte da folia, uma vez que os participantes, que convivem há anos, consideram-se membros da mesma família.

Vale ressaltar que na folia objeto deste estudo observa-se certa centralização de poder, nas figuras dos dois gerentes – o que, nesse aspecto, se difere da hierarquia citada por Brandão (2004). No entanto, percebe-se também um forte espírito de zelo por parte do casal coordenador, no intuito de fortalecer o grupo e a tradição da Folia de Reis.

2.4.3 Embaixador

É ele quem está em primeiro lugar entre os foliões e quem inicia a cantoria. O embaixador conhece toda a história do nascimento de Jesus e da visita dos Três Reis Magos. Ele deve saber as letras das músicas, além do momento exato da entrada e do encerramento da cantoria, sinalizando com apitos até que seja feito o silêncio necessário para que ele mesmo faça as primeiras saudações aos donos da casa que recebe a folia (BRANDÃO, 2004).

Essa função é exercida na Folia Estrela do Oriente por Valdeci Clemente da Costa,⁴ casado, funcionário público e residente no setor Conde dos Arcos, em Aparecida de Goiânia. Os foliões José Galvão de Jesus e José Ferreira de Lima são embaixadores substitutos, revezando-se de acordo com a necessidade. Outros foliões que fazem a primeira voz também podem ser embaixadores substitutos.

Aparecida Nepomuceno expõe mais detalhes sobre essa função:

Para mim, todas as funções são importantes, mas o embaixador tem um papel especial, porque conta a história dos Três Reis Magos, que visitaram o menino Jesus. Além do mais, o embaixador tem a habilidade de improvisar as letras, de acordo com as situações. Só entra para a companhia quem tem devoção aos Santos Reis e responsabilidade específica de folião. Pode cantar ou não, tocar algum instrumento ou não. No entanto, tem que ser útil em alguma coisa a favor da folia. O desempenho de Maria Rosa Barbosa na função de apoio⁵ serve como exemplo de que todos são importantes.

2.4.4 Alferes da bandeira

A tarefa do alferes é carregar a bandeira, o símbolo da folia, onde estão representados os Três Reis Magos e a Sagrada Família de Jesus. Em nome dessas figuras e da bandeira são solicitadas as esmolas (as doações), sendo que o alferes é responsável por elas e deve prestar contas de tudo que recebe: tanto o dinheiro quanto os donativos.

Por isso, essa é uma função de confiança, na opinião do Sr. Getúlio – que por um longo período de sua vida foi, oficialmente, o alferes da bandeira. Ele também explica que

⁴ Na ata de fundação, eleição e posse da diretoria da Assessor, ele é inscrito como suplente do Conselho Fiscal.

⁵ O apoio consiste em atender às solicitações dos foliões, como ajudar a carregar mantimentos recebidos em doação, ou até mesmo buscar um copo de água e servir a qualquer pessoa da folia que precise de auxílio.

O alferes é o responsável por segurar a bandeira e “num” deixar estragar, e “num” cair nenhuma flor ou qualquer coisa que tiver pregada nela. Quando acontece de uma flor cair no chão, pode ser um aviso. Não pode pegar mais essa flor, porque alguém da folia pode morrer.

Jany Vieira Ramos dos Santos, que reside no bairro Chácara do Governador, em Goiânia, é alferes oficial da bandeira da Folia Estrela do Oriente desde 2006, mas ela já vinha desempenhando esse papel na Folia do Sr. Genésio desde 1983. Jany ressalta que carregar a bandeira requer responsabilidade, assim como todas as funções dentro da folia. Ela reforça que o cuidado deve ser constante para que nada caia da bandeira, nenhuma flor, fita ou qualquer outro detalhe.

Em algumas celebrações solenes, como o III Encontro Folclórico do Sesc Faiçalville, Jany compartilha a função de carregar a bandeira com o Sr. Getúlio, o mais antigo alferes da Estrela do Oriente. Esse é um procedimento permitido dentro das regras da folia. Sobre o início da função de alferes da bandeira ela conta:

Foi por motivo de um voto, feito pela restauração da saúde de minha filha Neuza Maria [...] Eu resolvi pagar a promessa feita por ela depois de onze anos de luta contra a doença conhecida popularmente como doença do ar, que provoca convulsões e febre. Além do mais, a criança ficou inconsciente por dois meses. Essa luta persistiu por volta de um ano. Como “paga” do voto pela graça alcançada, decidi eu mesma girar com a bandeira por três dias no lugar de minha filha. Hoje ela está sadia, sem sequelas e com quarenta anos de idade, graças aos Santos Reis.

A paixão pela folia acompanha Jany desde criança e sua fé aumentou quando seu voto foi atendido pelas “graças e devoção aos Santos Reis”, como ela diz. Para ela, o significado da folia é a fé, ou seja, “acreditar que esses santos intercedem por nós em situações ameaçadoras, como falta de saúde e de sustento para manter a vida”.

2.4.5 Palhaço

No giro essa figura não pode faltar, porque é ela que dá vida e alegria à folia – que apesar de ser solene tem também um caráter festivo. São os palhaços os encarregados de proteger a bandeira; eles vão à frente, batem na porta das casas, pedem para a folia entrar e, depois, as esmolas. Os palhaços têm também o papel de proteger o Menino Jesus e confundir os soldados de Herodes, por isso eles fazem muitos trocadilhos. Quando são presos por brincadeira pelo dono da casa, os foliões são obrigados a cantar até que os palhaços sejam

soltos, porque sem eles a folia não pode ir embora – assim como o folião só pode sair depois que a bandeira é libertada.

Segundo Pessoa e Félix (2007) o palhaço é também chamado de boneco, caetano, mascarado, catarina, além de outros nomes. Os palhaços representam também os soldados do rei Herodes que desobedeceram à ordem de matar as crianças. Para não serem condenados como desertores, usaram um disfarce no rosto (a máscara). Por isso eles são os guardiões da bandeira.

A Folia Estrela do Oriente raramente sai para as apresentações sem a presença dos palhaços (também chamados de bonecos), representados por Edmar Arantes e Emídio de Souza Lima. Pedro Francisco Santana (embora seja embaixador substituto e cante nas seis primeiras vozes) e Marcos (o rapaz que toca pandeiro) também atuam nessa função.

O folião Dilene Xavier de Godoy avalia que todas as funções na folia são importantes, mas destaca que não aprecia o comportamento dos palhaços, tanto os atuais quanto os antigos, por causa da indisciplina. Ele afirma que já aconteceu de o palhaço ter sido convidado a deixar a função, assim como alguns foliões, devido ao excesso de bebida alcoólica.

Faz muita bagunça, chega a atrapalhar a cantoria. Entretanto, sensibiliza no ritual quando o palhaço se ajoelha em sinal de arrependimento, tira a máscara e desiste de perseguir o Menino Deus e fazer o papel de soldado, cumprindo as ordens do imperador Herodes. Quando o palhaço não vigia a bandeira e brinca na hora da cantoria, o chefe da folia chama a atenção [...] e ele não obedece [...] fico muito contrariado.

2.4.6 Foliões: cantores e tocadores

São considerados foliões da Estrela do Oriente todos aqueles que exercem alguma atividade no grupo. Participam de cada apresentação entre doze e quinze cantores e tocadores, uma quantidade suficiente para realizar a folia com êxito. A seguir são relacionados os foliões mais assíduos e suas respectivas funções:

- Adão Viana dos Santos: toca violão e canta na 1^a, 2^a, 4^a, 5^a e 6^a vozes.
- Antônio Viana dos Santos: canta na 2^a e 4^a vozes.
- Antônio Mariane: toca cavaquinho.
- Antônio Rodrigues dos Santos: é embaixador substituto e canta na 1^a, 2^a e 3^a vozes.
- Antônio Ferreira da Penha Leite: toca caixa.

- Divino Rocha da Silva: toca caixa e pandeiro.
- Edmar Arantes: é palhaço da folia e toca pandeiro e caixa.
- Emídio de Souza Lima: é palhaço e canta na 2ª e 4ª vozes.
- Ezequiel Pereira dos Anjos: toca violão e faz a 2ª voz.
- Getúlio Damas Nepomuceno: é o alferes da bandeira.
- Jacimar Gomes dos Santos: sanfoneiro e canta na 1ª e 2ª vozes.
- José Joaquim Ferreira: é embaixador substituto e canta nas seis primeiras vozes.
- José Viana: toca viola e canta na 5ª voz.
- José Galvão de Jesus: é embaixador substituto.
- José Ferreira de Lima: embaixador substituto.
- Marcos Vieira dos Santos: é palhaço e toca pandeiro.
- Otávio Pereira dos Santos: toca caixa e reco-reco.
- Pedro Francisco Santana: é palhaço, embaixador substituto e canta nas seis primeiras vozes.
- Dilene Xavier de Godoy: toca violão e canta nas seis primeiras vozes.
- Valdeci Clemente da Costa: é embaixador titular.

Na Folia Estrela do Oriente as mulheres assumem as seguintes funções:

- Aparecida Nepomuceno Arantes: atua como tocadora de chocalho desde 2002; é registrada na folia desde junho de 2008.
- Divina Helena Viana: canta a 5ª voz.
- Élita Nepomuceno Arantes: atua como substituta na função de caixeira.
- Francisca Chagas Figueiredo: é cantora e faz a 5ª voz; participou da apresentação do Sesc realizada em outubro de 2008; é registrada na folia desde junho de 2008.
- Jany Vieira Ramos dos Santos: a alferes da bandeira.
- Maria Rosa Barbosa: tem a função de apoio na folia.
- Domingas Monteiro Lima: gerente-coordenadora.
- Oneida Batista: canta na 5ª voz (esposa do sanfoneiro Joaquim Vilela, já falecido).

Há ainda outras mulheres que, apesar de não ser folionas, ocupam cargos administrativos na diretoria da Assesor:

- Aline Helena Vieira: tesoureira.
- Noélia Rocha Silva: suplente do Conselho Fiscal.
- Durcilene Monteiro das Chagas Garcia: secretária.

Entre tantos foliões e tantas histórias de vida, sobressai o orgulho de participar da tradição da Folia de Reis. É o caso de José Galvão de Jesus, um dos embaixadores substitutos da Estrela do Oriente havia dois anos, na época da entrevista. Baiano, 34 anos, casado, ele tem dois filhos, reside no Parque Flamboyant, em Goiânia, e presta serviço como vigia na capela São José. No depoimento a seguir ele conta como surgiu a devoção aos Santos Reis:

Sou católico praticante, ministro da eucaristia, vice-coordenador do grupo de oração carismática, ministro da palavra e cantor das celebrações da igreja. Certa vez aconteceu de presidir uma celebração da palavra, alternando na mesma ocasião o cantar e tocar o violão. Há cinco anos moro aqui em Goiânia. Em um almoço da folia, fui convidado para substituir o embaixador e continuei nesta função até hoje. Desde pequeno acompanhava folia, pois fui nascido e criado ouvindo e vendo meus familiares participarem da Folia de Reis. Tenho devoção a São José, porque minha mãe fez um voto por ocasião do meu nascimento. Se eu nascesse vivo, ela me colocaria o nome de José. Acredito que foi pela graça concedida pelo voto que minha mãe fez aos Santos Reis que eu estou vivo. O parto foi difícil e eu estava passando da hora de nascer. Aqui estou e sou, em qualquer lugar, um folião devoto de Santos Reis, com muito prazer.

Com relação aos donativos, ele ressalta a diferença entre as folias de Goiás e da Bahia:

Muitas pessoas [em Goiás] se interessam em ajudar o folião do ano oferecendo determinados alimentos para o almoço ou para o jantar. Combinam o dia e hora para efetuar essa oferta. Na Bahia tem tantos colaboradores que o festeiro não precisa comprar nem um quilo de café para os foliões. Hoje em dia, há algumas restrições quanto às doações. No entanto, não falta nada para se fazer giro com todas as suas peculiaridades, apesar de a realidade financeira não ser muito animadora nestes últimos tempos.

Sobre os instrumentos tocados nas folias dos dois estados, o folião destaca:

Nas Folias de Reis da Bahia se usam apenas alguns instrumentos, como triângulo, tambor e flautas feitas de bambu. Em Goiás se usam geralmente sanfona, violão, viola, cavaquinho, pandeiro, caixa e chocalho. Às vezes, usa-se também o reco-reco e mais raramente a rabeca,⁶ em substituição à sanfona.

Também há o exemplo de Antônio Viana, baiano de nascimento e goiano de coração que responde pelo embaixador na segunda voz. Quando pequeno, sempre acompanhava a

⁶ Um dos raros tipos de instrumentos musicais da família das cordas friccionadas, muito parecido com o violino de cordas estendidas.

folia à moda baiana e a batucada.⁷ Católico praticante e atualmente morador do setor Pedro Ludovico, desde 1978 ele participa do giro da Folia do Setor Bela Vista. Porém, sua atuação na Folia de Reis passou a ser mais intensa depois de casado: a mulher dele, D. Ursulina, fez um voto para que ele fosse curado do problema de coluna que o fazia andar com dificuldades e que havia sido causado por um acidente automobilístico. Naquela época o casal morava na cidade de Colina Azul (GO) e o Sr. Antônio começou a cantar na folia cumprindo o voto feito pela mulher. No terceiro dia, cantou de dupla na terceira voz, à moda baiana – há diferença na melodia e na letra, mas o sentido é o mesmo da moda da folia goiana.⁸ Depois disso, não parou mais e passou a aceitar convite para tocar em qualquer folia: podia ser baiana, mineira ou goiana. As sequelas deixadas pelo acidente já não mais o incomodavam. Hoje, Antônio Viana diz que participa da folia pelo “prazer de cantar, pelo benefício recebido, por amor e fé em Santos Reis”.

Dilene Xavier de Godoy, tocador de violão que faz a segunda voz na Folia Estrela do Oriente, é folião desde os dez anos. Hoje, aos 55, ele reside no Parque Flamboyant, em Goiânia, e tem dois filhos (Sr. Dilene enfatiza que o mais velho, 23 anos, não se interessou pela preservação da tradição familiar). Ele conta que se encantou por instrumentos musicais quando ainda era pequeno, chegando a improvisar viola artesanal em lata de óleo vazia. Aprendeu a tocar o cavaquinho dado pelo pai observando-o e outros foliões. O menino também dançava catira e cantava moda de viola, chegando a ser convidado para deixar o interior e cantar em Goiânia, o que não foi permitido pelo pai. No entanto, Sr. Dilene lembra que o pai o incentivou a tocar outros instrumentos, como sanfona, conhecida como pé de bode, e violão. Mas foi a viola o instrumento de que ele mais gostou. Na folia, de acordo com a necessidade, o Sr. Dilene canta em qualquer uma das cinco primeiras vozes, aprendidas na tradição familiar que ele faz questão de preservar:

Sinto a memória de meu pai honrada, quando participo da folia. Antigamente, na roça, o povo acompanhava a folia com mais prazer. [Os foliões] eram mais unidos e tinham mais respeito, pois faziam o giro em silêncio, a pé, a cavalo, andavam debaixo de chuva, na enxurrada, mas a chuva caía em volta e não molhava. Isso aconteceu quando eu estava com treze anos. Eu nunca vou esquecer, pois acredito que foi Santos Reis que protegeu a gente dessa chuva.

⁷ Conjunto sonoro feito por músicos que batem seus instrumentos de percussão. Geralmente são mais usados o pandeiro e a caixa, de modo bem ritmado e rápido. Esse é o ritmo de que os cariocas gostam.

⁸ Moda da folia goiana ou sistema goiano “é a maneira mais antiga de tirar a Folia” (MOREYRA, 1983, p. 174). Consiste em um conjunto de quatro cantores, dois homens e dois meninos. Estes cantam “por cima” das vozes dos adultos, ou seja, o canto é realizado por duas vozes dobradas.

Para José Viana, conselheiro da Estrela do Oriente, a participação na folia é motivada principalmente pela devoção aos Santos Reis, guardando assim o costume de seus familiares. Ele diz que essa prática é “como se fosse um porto seguro” em sua vida, que o faz sentir-se revigorado. Sua fé aumenta após cada apresentação, principalmente no giro.

Sobre as funções na folia e as regras adotadas, ele destaca:

Em termos de hierarquia, considero a função da coordenadora a mais importante, porque fez valer as regras de comportamento, principalmente o controle do uso do álcool. Essa medida salvou a folia. Antes havia muita discussão, hoje existem outros problemas, mas são contornáveis. Foi muito boa a iniciativa do uso do uniforme, a coordenadora incentivou o asseio pessoal dos foliões. Os ensaios dos cantos e toques dos instrumentos melhoraram, principalmente quanto ao desempenho das apresentações. Considero também o papel do embaixador muito importante, porque conta cantando toda a história dos Três Reis Magos, que visitam o presépio em Belém, na ocasião do nascimento do Menino Jesus.

A responsabilidade e a sabedoria adquiridas ao longo dos anos capacitaram José Viana para o papel de conselheiro da folia, ou seja, para orientar cada folião sobre as funções desempenhadas dentro do grupo. Ele reitera que todas essas funções são importantes e afirma que os que cantam na quinta voz necessitaram de mais ensaio. “É como uma oficina doméstica, onde se aprende fazendo, e vai aprendendo cada vez melhor a tocar ou cantar”, diz o conselheiro. Sr. José ressalta que para participar da folia é necessário primeiro que se tenha boa vontade e devoção aos Santos Reis, pois “tudo se aprende depois”.

José Viana também acrescenta que são sempre os mesmos os motivos de dispensa de um folião: falta de educação, desobediência às normas de comportamento nos rituais e, principalmente, excesso de bebida alcoólica. Segundo o conselheiro, “os hábitos de boa educação, a obediência às regras, a cantar ou tocar algum instrumento, enfim, união e respeito de uns para com os outros é uma consequência do convívio com o grupo”.

De acordo com o Sr. Getúlio, para fazer parte da companhia é preciso ter interesse, disposição, fé e devoção, saber tocar algum instrumento ou gostar de cantar sozinho ou, de preferência, em conjunto. É necessário se empenhar para aprender as letras das músicas e as melodias; tudo deve ser sincronizado com o ritmo e o som da caixa. Há momentos para ensaiar as músicas e para ensinar aos que não sabem como tocá-las e cantá-las. Segundo o Sr. Getúlio, ultimamente os ensaios têm acontecido antes das apresentações nas escolas ou quando alguém tem necessidade de treinar mais com o grupo. Na opinião dele, os foliões devem se entregar por inteiro, desde o preparo nos dias que antecedem o giro até as apresentações extras. Para quem quer apenas acompanhar a folia, no entanto, não há exigências, restrições ou comprometimento: todos são convidados e bem-vindos.

Segundo Aparecida Damas Nepomuceno, entre as principais normas da folia estão: o cumprimento com responsabilidade da função assumida, a obediência às determinações da coordenação e o respeito aos demais participantes. Quem tem o costume de usar bebidas alcoólicas em excesso não é aceito como folião da Estrela do Oriente e é convidado pelo presidente a deixar a função. É unânime a opinião de que entre os componentes da folia é importante haver fé e devoção aos Santos Reis, principalmente porque eles se consideram membros de uma só família, irmãos interessados uns pelos outros.

Com relação às diversas vozes da folia, as fundamentais para o suporte melódico são a primeira e a segunda. Esta última é a resposta à melodia principal, a primeira voz, cantada pelo embaixador. Quanto à terceira voz, são poucos os foliões que a sustentam; ela é considerada a mais difícil, por variar muito quanto à melodia e à altura do som, devendo manter-se, entretanto, quanto à intensidade, uma vez que não pode sobressair-se às demais. A melodia da quarta voz é entoada acima da terceira. Mais detalhes sobre as vozes do coral serão apresentados no Capítulo 3.

Na Folia Estrela do Oriente, os foliões que cantam a primeira voz, a do embaixador, são:

- Valdeci Clemente da Costa: embaixador titular.
- José Galvão de Jesus: toca violão e é embaixador substituto.
- José Ferreira de Lima: toca viola e é embaixador substituto.
- José Joaquim Ferreira: é embaixador substituto e canta nas seis primeiras vozes.
- Antônio Rodrigues dos Santos: é embaixador substituto e canta na 1ª, 2ª e 3ª vozes.

Os foliões que geralmente cantam a segunda voz são:

- Antônio Viana: responde ao embaixador na 2ª voz e canta também na 4ª voz.
- Adão Viana: canta na 1ª, 2ª, 4ª e 5ª vozes.
- Jacimar Gomes dos Santos: canta na 1ª e 2ª vozes.
- Dilene Xavier de Godoy: canta nas seis primeiras vozes.

Os da terceira voz são:

- Dilene de Godoy Xavier: canta em todas as cinco primeiras vozes.

- Pedro Francisco Santana: canta nas seis primeiras vozes.
- Antônio Rodrigues dos Santos: canta nas três primeiras vozes.

Os foliões que cantam a quarta voz são:

- Antônio Viana dos Santos.
- Adão Viana dos Santos.
- Emídio de Souza Lima.

Na quinta voz cantam:

- Divina Helena.
- Francisca Chagas de Figueiredo.
- Adão Viana dos Santos.
- Antônio Mariane.
- Dilene de Godoy.
- José Viana dos Santos.

No giro da Estrela do Oriente ainda há o folião Pedro Francisco Santana, que canta a sexta voz – embora ele seja adepto do Espiritismo, não há restrições à sua participação na folia. Raramente existem foliões que cantam a sétima e a oitava vozes, por serem extremamente agudas.

2.5 Bandeira

A bandeira dos Santos Reis é um objeto referencial que revela uma tradição religiosa vinda de Portugal, baseada no catolicismo popular, e que faz parte das representações simbólicas dos foliões. Ela é o centro devocional da folia, por isso vai sempre à frente do grupo, em lugar de honra, carregada pelo alferes e ladeada pelos palhaços. É a primeira a entrar em qualquer casa, onde, postada junto ao “altar”, é usada para receber e abençoar os donativos ofertados ao grupo (BRANDÃO, 1984). É à bandeira que se ofertam dinheiro ou presentes quando se quer homenagear a folia. Os foliões e os acompanhantes acreditam no

poder dos Santos Reis, por isso pedem alimentos, a fim de se fortificarem para fazerem o giro, e ofertas para a realização da festa de encerramento.

Além de simbolizar o grupo, a bandeira é um objeto cercado de crenças e muita fé. Acredita-se que ela afugenta influências diabólicas, é protetora e tem o poder de exorcizar. Os foliões contam que à noite, nas marchas por lugares ermos, eles não se afastam da bandeira para se manterem protegidos contra todos os males. A bandeira é, ainda, um objeto de socialização e cortesia, sendo também usada como elemento disciplinador, quando ocorre algum incidente entre os foliões.

Esse símbolo da folia é confeccionado de acordo com o grupo ao qual pertence. Para sustentá-lo é utilizado como mastro um pedaço de madeira (tipo cabo de vassoura) recoberto com fitas de cetim ou de papel, flores de plástico ou de papel crepom, purpurina e papel laminado de diversas cores. A bandeira pode ainda ser coberta por um véu de náilon, de renda ou de plástico transparente, para protegê-la do sereno e da chuva. Hoje, algumas são até iluminadas por uma pilha. No centro da bandeira é imprescindível que seja colocada a estampa dos Santos Reis Magos em adoração a Jesus e à Sagrada Família. A veneração dos Reis Magos é representada pelos presentes: o ouro, simbolizando o poder de Jesus; o incenso, a sua divindade; e a mirra, a sua eternidade. Apesar das diferentes maneiras de se confeccionar a bandeira – materializadas tanto pela variação das cores, quanto dos materiais –, todos consideram que esse é um símbolo de fé na graça divina, por intercessão dos Três Reis Magos.

Para José Galvão de Jesus a bandeira tem um significado especial, porque é o símbolo maior da folia. “Dizer da bandeira é o mesmo que dizer da folia”, afirma o folião. De acordo com D. Duzinha, por ser um símbolo tão importante é que a bandeira é recebida em primeiro lugar pelo dono da casa visitada. A coordenadora da Estrela do Oriente relata um acidente ocorrido em 2003 com a bandeira da folia. Segundo D. Duzinha,

A bandeira foi queimada durante uma das reuniões. Não se sabe como, se foi um aviso, ou se foi simplesmente por descuido. Esse fato abalou as estruturas dos componentes. Contudo, a folia permanece atuante graças à persistência dos foliões e o apoio da Federação.

Devido à importância dada à bandeira, buscou-se fazer uma reconstrução da cadeia operatória desse símbolo da Folia de Reis. De acordo Balfet (1991), a cadeia operatória é o encadeamento de atos, gestos, instrumentos, uma unidade de observações significativas construindo um processo técnico, que evidencia a lógica interna de uma atividade. Para

(CRESSWELL, 1976; MARTINELLI, 1985, apud BALFET, 1991), a transformação de matéria-prima em produto e o objetivo que unifica as operações são definições que se complementam.

A cadeia operatória da confecção da bandeira da Folia Estrela do Oriente do Setor Pedro Ludovico seguiu os seguintes passos:

1. A estampa da Sagrada Família, figurando o nascimento de Jesus, junto a Maria, sua mãe, José, seu pai, e os Três Reis Magos, foi comprada em casa de artigos religiosos.
2. Em casas de armarinhos foram adquiridos seis metros de fitas de cetim, sendo quatro metros de um azul claro e dois metros de azul mais escuro, para enrolar o mastro da bandeira e fazer os laços.
3. As flores de tecido coloridas – azuis, brancas, rosas e amarelas – foram compradas em uma loja de artigos populares.
4. Uma franja branca foi costurada pela coordenadora da folia em volta da estampa dos Santos Reis.
5. O cabo de vassoura, anteriormente preparado, foi colocado como suporte dentro da parte superior da estampa e enrolado com fitas.
6. Na parte superior, próximo à estampa, foram fixados os laços de fitas.
7. Por último, na parte superior da estampa, uma por uma as flores foram muito bem fixadas para não caírem, pois nada pode se soltar da bandeira.

E estava pronto o símbolo que é o guia da folia (Figura 5).



Figura 5. Bandeira da Folia Estrela do Oriente
Fonte: a autora (2008)

2.6 Jornada da Bandeira: O Giro

Giro é o nome que se dá à jornada da bandeira, considerada como uma missão. Geralmente a Folia Estrela do Oriente faz cinco dias de giro por ano, entre 1º e 6 de janeiro. No entanto, em 2008 foram treze dias de giro, que começou em 25 de dezembro e foi até 6 de janeiro de 2009. Nesse período, os foliões da Estrela do Oriente chegaram a visitar até vinte casas em um mesmo dia, porque as cantorias eram abreviadas e em algumas delas não se pedia para rezar o terço.



Figura 6. Dono da casa recebe a bandeira durante o giro

Fonte: a autora (2008)

Durante a jornada, de casa em casa, os foliões fizeram o ritual da visita da bandeira. Esse ritual é formado pelas seguintes cantorias: licença para entrar; para que a bandeira seja entregue ao dono da casa; licença para pedir a esmola e agradecer por ela; licença para despedir. No entanto, pouco se entendia da letra desses cantos. Os foliões têm dificuldades para pronunciar as palavras, principalmente na cantoria e nas habilidades musicais, visto que a adaptação da letra a certas melodias compromete a prosódia.⁹ Eles utilizam os versos dos rituais, adaptados geralmente à melodia do *Hino dos Três Reis Santos*. Essa prática nem sempre dá certo, pois dificulta a sincronia entre as sílabas fortes da letra e os tempos fortes da música, dificultando também o entendimento da mensagem cantada. Pode-se dizer que a música se apresenta com os versos de pé quebrados; entretanto, essa é uma das características da música da folia.

Desde 1962 a folia de reis objeto de estudo deste trabalho gira em Goiânia e região. Os foliões visitam casas da cidade, na maioria das vezes, e também de fazendas, pedindo ofertas e parando onde foi marcado o almoço ou o jantar. É na casa que oferece o jantar que

⁹ Adaptação da melodia às letras, de acordo com as acentuações silábicas.

se dá o pouso dos instrumentos e da bandeira. Contudo, raramente algum folião fica para pousar – como a folia é praticamente urbana e o transporte é fácil, os integrantes do grupo voltam para suas casas. Além disso, muitas casas da cidade são pequenas, não têm o mesmo espaço que as das fazendas.

Em 2008 as casas selecionadas para oferecer pouso para a bandeira e os instrumentos foram:

- 25/12: residência do Sr. Adão Viana, Aparecida de Goiânia.
- 26/12: setor Papilon, Aparecida de Goiânia.
- 27/12: residência do Sr. Getúlio, setor Marista Sul, Aparecida de Goiânia.
- 28/12: setor Espansul, Aparecida de Goiânia.
- 29/12: Fazenda Vargem Bonita.
- 30/12: Bairro Hilda, Aparecida de Goiânia.
- 31/12: nesse dia cada folião jantou em sua própria casa.
- 01/01 de 2009: residência de D. Ana Viana, Parque Flamboyant.
- 02/01: residência do Sr. Josias, Vila Brasília.
- 03/01: residência do Sr. Nestor, Jardim Esmeralda.
- 04/01: residência de D. Ducílda, setor Pedro Ludovico.
- 05/01: residência do Sr. Sergino, setor Pedro Ludovico.
- 06/01: residência do Sr. Adão Cardoso, setor Pedro Ludovico.

Para melhor descrever a Folia de Reis Estrela do Oriente, a seguir serão fornecidos mais detalhes das etapas acompanhadas durante a pesquisa, no giro de 2008.

2.6.1 Escolha do festeiro

No início, o festeiro do ano era escolhido por meio de sorteio. Depois de algum tempo, essa escolha passou a ser uma surpresa, inclusive para quem iria desempenhar a função. Por fim, a Estrela do Oriente aboliu esses sistemas e desde 2004 cabe ao casal Adão e Duzinha o papel de festeiros. Para que os integrantes do grupo se empenhassem ainda mais em suas

tarefas, os coordenadores determinaram que essa função seria dividida também com todos os foliões; ou seja, atualmente todos são considerados festeiros.

Ao festeiro são entregues os donativos que deverão ser repassados para o seu substituto, escolhido para providenciar a festa de encerramento do ano seguinte. As doações são destinadas para fortalecer o grupo.

2.6.2 Almoço da saída da folia

No dia 25 de dezembro, por volta das onze horas da manhã, os foliões e outras pessoas se reuniram na casa do Sr. Adão e de D. Duzinha, no setor Pedro Ludovico. Em clima de festa, os participantes se cumprimentaram alegremente, com votos de Feliz Natal. Em seguida, todos foram convidados pela dona da casa para rezar o terço. Inicialmente, emocionados, cantaram hinos de louvor: *A nós descei, divina luz* (invocando o Espírito Santo); *Em nome do Pai* (para fazer o sinal da cruz), além de *Amado Jesus e Mãezinha do céu*, em homenagem a Cristo e a Maria Santíssima. Os foliões também cantaram antes e após a contemplação de cada mistério rezado – intercalando diferentes cantos, como *Louvando a Maruá*, *Com minha mãe estarei* e *Obrigado Senhor* – e no fim do terço.

Após o terço os festeiros ofereceram o almoço, preparado em enormes panelas, que foram colocadas sobre a mesa por homens e mulheres. O cardápio era composto por galinhada, macarronada, tutu de feijão e uma salada de alface, tomate e repolho. Para beber foram oferecidos refrigerantes, suco de caju e vinho – apenas um copo para cada folião, para não atrapalhar a jornada que seria iniciada logo após o almoço. Todos se colocaram em volta da mesa para abençoar e agradecer pela comida, cantando sem o acompanhamento dos instrumentos, em um ritual que deve sempre preceder as refeições.

Os foliões foram convidados a se servirem em primeiro lugar e, em seguida, as outras pessoas presentes. Alguns se assentaram nas cadeiras disponíveis, outros ficaram de pé, ou acorados. A mesa foi utilizada somente para servir a comida. A sobremesa foi doce de goiaba em lata com queijo fresco, e não fez falta a variedade de doces caseiros que geralmente é oferecida após as refeições principais nos encontros de folias, pois o almoço foi muito farto e todos ficaram satisfeitos.

Terminado o almoço, as panelas continuaram expostas sobre a mesa, onde novamente os foliões se reuniram para abençoar e agradecer gentilmente pelo alimento oferecido,

cantando *Bendito de mesa*. É nesse momento que eles rogam pelas graças a todos e em especial à família do dono da casa, que ofereceu a comida com fartura. Nessa hora também são feitos aos Santos Reis pedidos de prosperidade, de conservação dos bens adquiridos e dos muitos outros que os devotos ainda desejam possuir.

2.6.3 Saída da folia

A cerimônia da saída da Folia Estrela do Oriente também foi feita na casa dos festeiros, Adão e Duzinha. Apesar de ser uma casa muito simples, foi bem preparada para realizar os rituais próprios da folia: a reza do terço diante do altar; o almoço dos foliões e a cantoria dos benditos de mesa, as falas de saída da companhia e os cânticos de saída.

De um lado da casa há uma grande varanda coberta, onde foram colocadas as várias mesas forradas com toalhas brancas – emprestadas dos amigos e vizinhos –, onde foi servida a comida. No cantinho da sala foi montado um presépio, chamado de Lapinha, com todos os personagens: os pastores e os animais, os Três Reis Magos, Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus. Vale registrar que diante da Lapinha e na hora dos rituais, como o terço, os homens tiraram os chapéus; uns se ajoelharam, falando baixo ou alternando a reza com as mulheres. Por ser Natal, não foi feito o altar para a reza do terço, como é de costume.

A bandeira foi colocada na parte superior da porta da Lapinha. As velas foram acesas e colocadas uma a uma nas mãos de seis meninas, algumas filhas de foliões. A bandeira da Estrela do Oriente, que não tem fitas penduradas, como a maioria, foi beijada em vários momentos; por exemplo, quando a folia chegou ou saiu de alguma casa, depois do terço e quando houve o pedido ou agradecimento de alguma graça.

2.6.4 Giro da Folia Estrela do Oriente

A folia deixou a casa dos festeiros por volta das quatorze horas, para fazer o giro do dia de Natal no setor Pedro Ludovico. Humildemente, todos saíram a pé, com o alferes da bandeira e os palhaços à frente e os foliões logo atrás. Vale ressaltar que compete ao palhaço

proteger a bandeira, fazer brincadeiras e pedir licença para a folia entrar, mesmo que a casa não faça parte do roteiro previsto.

Assim, logo no início do giro, por iniciativa de um dos palhaços, a folia foi recebida na casa de um vizinho conhecido, para cantar e abençoar a família. No fim da cantoria, os foliões agradeceram, emocionados, a recepção. No entanto, durante o giro algumas pessoas que não eram devotas de Santos Reis não mostraram interesse em receber a folia. Outros até queriam receber os foliões, mas ao ouvirem o som da caixa perceberam que o grupo já estava distante de suas casas. Uma dessas pessoas alcançou a folia e pediu que os foliões voltassem para cantar em sua casa, mas o embaixador explicou que a folia não pode passar novamente por um caminho já percorrido, prometendo a visita para o ano seguinte. Esse procedimento representa o cuidado dos Três Reis Magos em não deixar vestígios para evitar que o Menino Jesus fosse encontrado pelos soldados do rei Herodes. Um detalhe é que a jornada deve ser cumprida de tal forma que comece pelo leste (simbolizando o Oriente) e termine a oeste (que representa Belém).

Na casa de uma senhora de 82 anos, que havia sido católica e passara a frequentar uma Igreja Evangélica, a folia foi muito bem recebida. A dona da casa – que ficou dançando discretamente na cozinha – afirmou que gosta de alegria, assim como Deus, e por isso não via mal algum em receber os foliões em sua casa. Naquele dia o grupo fez cerca de vinte visitas entre famílias pobres e de classe média, além de outras, em menor número, a famílias ricas.

O giro, feito como sempre com muita alegria, por levar as bênçãos de Santos Reis a diversas famílias, foi guiado e assistido pelo Sr. Adão Cardoso, gerente-presidente da folia. Durante todo o tempo ele levou consigo o alvará de licença ¹⁰, sem o qual a folia não pode girar. No documento estão relacionados os dias e os locais do giro, além das seguintes cláusulas, conhecidas dos foliões veteranos: não permitir a presença de pessoas armadas; não permitir algazarra que venha a fazer tumulto; não permitir que os foliões girem embriagados. O não cumprimento dessas exigências permite a cassação do alvará.

Por volta das dezoito horas, após o giro do dia de Natal, os foliões seguiram, na companhia do presidente e da coordenadora da folia, para a casa do Sr. Adão Viana, em Aparecida de Goiânia, que já os esperava para o jantar. Uns foram de carro, outros seguiram a pé. O ritual da chegada da bandeira foi um pouco diferente do que havia sido realizado no almoço. Na casa do Sr. Adão Viana o terço foi rezado com cantoria, em frente um altar

¹⁰ Esse documento é uma autorização nominal concedida pelo delegado do município de Aparecida de Goiânia (onde a Estrela do Oriente foi registrada), com respaldo da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás.

previamente ornamentado com uma toalha branca de renda; a bandeira foi colocada na lateral para que fosse vista por todas as pessoas que quisessem beijá-la; em cima da mesa havia imagens de santos, vasos com flores de tecido, porta-retratos e um terço. Por volta das 21 horas foi oferecido um banquete para os foliões, acompanhantes e vizinhos. A noite de Natal foi comemorada em grande estilo: o anfitrião serviu arroz de forno, pernil assado, maionese, salada de variadas verduras, muitas frutas descascadas, doces, refrigerantes, sucos e vinho.

No dia seguinte, 26 de dezembro, o giro da folia viajou para a zona rural. Os foliões visitaram a fazenda Vargem Bonita, localizada a cerca de dez quilômetros de Goiânia e a chácara Vale das Pombas, também nas proximidades da cidade. O grupo voltou à tarde e jantou no Bairro Hilda. No dia 27 a bandeira da Folia Estrela do Oriente parou para o grande jantar na casa do Sr. Getúlio, no setor Marista Sul, em Aparecida de Goiânia. O jantar foi servido depois da reza do terço; os foliões cantaram, abençoando e agradecendo pelo alimento. Como de costume, todos se fartaram, mas mesmo assim sobrou muita comida. No final, os foliões fizeram os agradecimentos e em seguida cantaram *Bendito de mesa e Adeus dos foliões*.

Nos dias seguintes, a folia continuou a fazer o giro, paradas e pousos em várias casas em Goiânia, nos setores Chácara do Governador, Parque Flamboyant, Bairro Santo Antônio, Vila Brasília e Jardim das Esmeraldas, além do próprio setor Pedro Ludovico – bairro dos festeiros, onde nos onze dias de giro foi feita a maior parte das visitas. No município de Aparecida de Goiânia a folia passou pelos seguintes locais: bairros Papilon e Conde dos Arcos, Espansul, Rodeio Show e no Centro Espírita.



Figura 7. Folia Estrela do Oriente no setor Conde dos Arcos, em Aparecida de Goiânia
Fonte: a autora (2008)

Vale ressaltar que as pessoas que iriam oferecer as refeições, após o giro de cada período do dia, foram previamente escolhidas em uma reunião realizada no mês de novembro de 2008. Em algumas casas, a comida que havia sobrado do jantar era esquentada e oferecida no lugar do café da manhã, mas na maioria dos locais de visita havia café com leite, pão, manteiga e até bolo.

O que se pôde inferir, após o giro, é que de um modo geral as pessoas que receberam a bandeira se emocionaram muito. Além da fé nos Santos Reis, a visita da folia fazia essas pessoas se lembrarem de familiares e entes queridos, já falecidos, que também gostavam de manter essa tradição. Em muitos momentos a saudade e a emoção afloraram de tal maneira que foi impossível conter as lágrimas. Os devotos acreditam que os Santos Reis levam prosperidade, saúde e muitas bênçãos para as famílias visitadas pela folia.

2.6.5 Reza do terço

A oração do terço é feita antes do almoço e do jantar. No período deste estudo, os rezadores foram os dois embaixadores da Folia Estrela do Oriente: Valdeci Clemente da Costa (titular) e Pedro Francisco Santana (substituto). Este último, se necessário, canta em

uma das seis primeiras vozes e, às vezes, veste-se de palhaço junto com o filho de oito anos que também gosta de participar da folia.

Nas casas onde há presépio, o terço é rezado diante dele, sendo que no início e no último mistério os dois embaixadores ficam de joelhos. Para acomodar os foliões, a dona da casa sempre estende, no local, um tapete maior.



Figura 8. Presépio na casa dos festeiros
Fonte: a autora (2008)

Em algumas casas não havia o presépio, e sim um altar bem arrumado, coberto com toalhas de franjas feitas de crochê. Em cima da mesa, vasilhas de flores de plástico, imagens dos santos de devoção, como São Sebastião e Santa Luzia, de Nossa Senhora Aparecida e, às vezes, um terço. Nem todos se ajoelhavam; em algumas casas as pessoas ficavam atrás dos dois rezadores, de frente para o altar. Poucas pessoas rezavam o terço, mas aquelas que participavam o faziam com muita devoção.

No terço realizado na casa dos festeiros todos os foliões estavam presentes, até mesmo o palhaço. Foram contemplados os mistérios gozosos, que falam sobre o nascimento e a vida de Jesus. No início foi feito o sinal da cruz e os oferecimentos formais; depois, foram

rezados um pai-nosso e três ave-marias. Naquele momento, foram colocadas as intenções do terço e pediu-se pelos donos da casa e sua família, pela saúde e prosperidade de todos. Em seguida, todos cantaram em louvor a Nossa Senhora.



Figura 9. Foliona rezando o terço
Fonte: a autora (2008)

O folião rezador deu início ao primeiro mistério dizendo que ele “contempla a anunciação do anjo a Maria, avisando-a que ela iria dar à luz o Menino Jesus”. Em cada intervalo, após a contemplação dos mistérios, foram rezados um pai-nosso, dez ave-marias e um glória ao pai. Também no intervalo, foi invocada a proteção de vários santos, especialmente dos Santos Reis, e cantou-se em louvor a eles e a Maria.

O terço prosseguiu com o segundo mistério, contemplando a visita de Maria a sua prima, Santa Isabel, que também estava grávida, com quem Maria permaneceu por três meses. No terceiro mistério foi contemplado o nascimento de Jesus e, no quarto mistério, a apresentação de Jesus no templo. O quinto mistério contemplou o encontro de Jesus com seus pais, que o haviam perdido em outra cidade. No fim do terço, que durou mais de uma hora, foram feitas as orações de agradecimento e foi rezada a salve rainha.

2.6.6 Festa de encerramento: chegada da folia

Por volta das dezenove horas do dia 6 de janeiro de 2009, caminhando pelo meio da rua, os foliões foram chegando para a festa de encerramento. Vestidos com o uniforme de gala – com a camisa azul e a toalha branca no pescoço –, tocando instrumentos musicais e fazendo várias evoluções, lembravam o estilo de uma Festa de São João, ao chegarem à casa dos festeiros, Sr. Adão e D. Duzinha.



Figura 10. Festeiros: Sr. Adão e D. Duzinha
Fonte: a autora (2009)

Na chegada, diversas pessoas se juntaram ao grupo e entraram na fila da folia, batendo palmas, participando e acompanhando o animado movimento daqueles foliões. Outras ficaram apenas olhando e se divertindo com a movimentação dos palhaços. Aos poucos, a folia foi se aproximando do portão de entrada da casa dos festeiros, que emocionados a receberam com foguetes e muita alegria.

A cantoria e os foguetes cessaram após o apito do embaixador. Os foliões pararam em frente ao portão principal da casa, perto dos arcos – feitos por D. Duzinha e suas ajudantes

com folhas de coqueiro e enfeitados, de uma forma singela, com flores artificiais e fitas coloridas de papel crepom trançado.



Figura 11. Arcos na entrada da casa dos festeiros
Fonte: a autora (2009)

Os palhaços – vestidos com roupas coloridas feitas de cetim – posicionaram-se como guardas, um à direita e outro à esquerda da bandeira, atrás da qual vinham os foliões. Um dos palhaços saudou os donos da casa com versos decorados e outros improvisados, recebendo aplausos das pessoas presentes – embora pouco se entendesse do que ele dizia, por causa da voz abafada pela grande máscara que cobria todo o seu rosto.

Depois os palhaços foram procurar os presentes escondidos pelos festeiros no arco da entrada. A busca foi animada; os palhaços subiram em bancos para alcançar a parte superior do arco e revistaram tudo. Os festeiros, que sabiam o local exato onde haviam sido colocados os embrulhos com os presentes – uma nota de dinheiro para cada palhaço –, iam dando pistas como “está frio” ou “está quente”. Ao acharem o dinheiro, os palhaços festejaram, deram cambalhotas em agradecimento pela oferta e abraçaram os festeiros.



Figura 12. Palhaços à procura dos presentes no arco
Fonte: a autora (2009)

Em seguida um dos palhaços anunciou a cantoria e o embaixador, como sempre faz, deu o sinal de entrada dos instrumentos, com três toques no apito. Naquele momento os foliões cantaram o *Hino dos Três Reis Santos*, utilizando a melodia tradicional, com a letra adaptada.

*25 de Dezembro, quando o galo deu sinal,
que nasceu o Menino Deus numa noite de Natal. (bis)*

Contudo, os foliões da Estrela do Oriente também cantam o *Hino dos Três Reis Santos* com esta letra:

*A Estrela d'Oriente fugiu sempre dos judeu,
Pra avisar os Três Reis Santos que o Menino Deus nasceu. (bis)*

*Os Três Reis quando souberam, viajaram sem parar
Cada um trouxe presente pro Menino Deus saudar. (bis)*

*Nesse instante, num ranchinho, passou a estrela da guia,
Visitou todos os presentes onde o menino dormia. (bis)*

*Oh, Deus! Salve a casa santa onde é sua morada,
Aqui mora o Deus Menino e a hóstia consagrada. (bis)*

*Para todos os foliões muita paz e muita luz,
Sob o manto de Maria e as bênçãos de Jesus. (bis)*

O embaixador e os demais foliões cantaram para que os festeiros recebessem a bandeira das mãos do Sr. Getúlio que, segundo sua irmã Aparecida, estava mais emocionado que nos anos anteriores. Na sequência os festeiros entraram na casa com a bandeira nas mãos, seguidos pelos foliões. Na porta havia outro arco mais enfeitado do que o do portão, com mais flores de plástico e com várias fitas torcidas e dobradas em forma de um cordão de sanfoninhas coloridas. Em frente a esse arco, os foliões cantaram novamente, pedindo passagem.

Após essa cantoria a folia entrou na casa, como sempre com a bandeira à frente. A bandeira foi colocada na parte superior da entrada do presépio, montado no cantinho da sala. A festeira, D. Duzinha, fez então um discurso de agradecimento especial aos foliões e a todos os presentes, pedindo também a proteção e as bênçãos de Santos Reis. Ela pediu que cantassem para homenagear os foliões falecidos – entre eles Joaquim Sanfoneiro, solicitando à viúva, D. Oneida, que segurasse a bandeira em homenagem ao marido amado. Emocionada, D. Oneida chorou durante todo o tempo da cantoria. O festeiro também fez seus agradecimentos a todos os foliões e às pessoas presentes. A bandeira foi beijada, com todo respeito e devoção aos Santos Reis. Alguns se ajoelharam em frente ao presépio e fizeram, em silêncio, a sua oração. Em seguida, com muita fé, foi rezado o terço e depois todos foram convidados para se dirigirem à área externa, onde seria servido o jantar.

Para decorar essa área da casa, a festeira teve a colaboração de familiares, de uma acompanhante da folia e de Aparecida Nepomuceno. Antes do jantar, houve a bênção dos alimentos e o agradecimento aos festeiros pela refeição tão bem preparada; os foliões também rezaram um pai-nosso e cantaram *Bendito de mesa* e *Glória ao Pai*. Todos comeram à vontade e ainda sobrou bastante comida. No cardápio havia arroz branco, feijão tropeiro, molho de carne de vaca cozida, macarronada e vários pratos de salada de verduras cozidas.

Para beber foram oferecidos refrigerantes, sucos, vinho e até pinga, consumida com moderação. Para alegrar o ambiente, durante o jantar foi tocada música sertaneja.

Ao final da refeição os foliões se colocaram em volta da mesa e agradeceram, novamente cantando *Bendito de mesa* e rezando, de mãos dadas, o pai-nosso. O embaixador, aplaudido por todos, também fez os seus agradecimentos formais. Ainda batendo palmas, os foliões giraram em volta da mesa, cantando várias vezes *Adeus aos donos da casa*. Seguindo o apito do embaixador, o ritmo foi sendo acelerado, indicando o final da cantoria.



Figura 13. Foliões se despedem, cantando em volta da mesa
Fonte: a autora (2009)

No momento seguinte os donos da casa fizeram a coroação de cada um dos foliões, um ritual que sacramenta o compromisso que eles assumem de continuarem sendo também os festeiros do próximo ano. As coroas douradas e enfeitadas com pedras, imitando pérolas, ficaram guardadas dentro do presépio para serem utilizadas naquele momento solene. Outros convidados também foram coroados, recebendo as bênçãos dos Santos Reis pelas mãos do Sr. Adão ou D. Duzinha. Não houve a costumeira dança do catira, porque como o giro foi maior que em anos anteriores, os foliões ficariam muito cansados. Também não aconteceu nenhum

outro tipo de dança, porque a maioria dos convidados e alguns foliões iriam trabalhar no dia seguinte.

Assim os participantes se despediram, com a satisfação de terem estado juntos em oração, em festa, com fartura e sob a as bênçãos dos Santos Reis. A folia de 2008 terminou ao som do *Adeus dos foliões*, tantas vezes cantado após o jantar do pouso de cada dia:

Folião não quer que eu chore

Folião não vai chorar

Adeus dono da casa

Até no outro ano, que eu vou voltar. (bis)

3. SONORIDADE DAS FOLIAS DE REIS

Devotas dos Reis Magos, as Folias de Reis se expressam por meio de suas vozes e instrumentos. Desse modo, como em um teatro paralitúrgico grandioso, elas representam durante o giro a visita dos Santos Reis para reverenciar o Menino Jesus, por ocasião do seu nascimento. As comemorações dessa manifestação máxima do ciclo natalino acontecem entre 25 de dezembro, dia de Natal, e 6 de janeiro, dia de Santos Reis.

Neste capítulo serão abordados repertórios de Folias de Reis e, mais especificamente, o da Folia Estrela do Oriente. Isso será feito com base no estudo de caso de Yara Moreyra,¹¹ que examinou a Folia de Reis de Mossâmedes, nos registros do antropólogo Carlos Brandão e na Folia de Americano do Brasil (GO), com a qual foi realizada pesquisa de campo durante um período considerável. É importante ressaltar que os pesquisadores acima citados falam de grupos de folias em atividade nos anos 1960 e 1970.

Os cantos da folia são privilegiados pela estética da música para compor cada fase do ritual, que está associado ao caráter festivo. A música contribui de modo especial e eficaz, por meio da riqueza dos seus elementos: a melodia, o ritmo, os instrumentos melódicos e os percutidos, e a constante associação desses elementos com as letras dos cantos coletivos e individuais.

As Folias de Reis adotam o sistema mineiro de cantar a sete vozes, em entradas sucessivas. De um modo geral, as cantorias se caracterizam por cantos próprios para cada fase do ritual. São melodias simples, com variantes e soluções polifônicas¹² engenhosas (MOREYRA, 1984).

Na seqüência serão apresentados os repertórios de Folias de Reis e o da Estrela do Oriente. Também serão detalhadas a estrutura, a ordem de apresentação dos foliões e a música, em seus aspectos melódicos, rítmicos e harmônicos, bem como os instrumentos musicais utilizados pelos foliões.

¹¹ Yara Moreyra é Doutora em Artes pela USP, escritora, folclorista, musicóloga e pesquisadora. É professora titular aposentada da UFG. Sua contribuição foi fundamental para a qualificação deste trabalho.

¹² Relativo à polifonia, a reunião de várias melodias, autônomas, mas dentro da mesma tonalidade.

3.1 Repertório de Folias de Reis

O repertório de Folia de Reis pode ser subdividido em três tipos distintos de cantorias, com soluções diferentes em relação às melodias e à maneira de “cantar junto”, como diria Mário de Andrade. Sem considerar a parte profana dos pousos, o repertório é composto pelas cantorias propriamente ditas, o *Bendito de mesa* e o terço cantado.

As cantorias que compõem cada fase do ritual são as de chegada, saída, pedido da esmola, agradecimento, adoração do presépio, saudação aos donos da casa, entre outras, quase todas acompanhadas pelo instrumental. Já nos pousos, um dos momentos mais solenes é quando os foliões cantam o agradecimento, ou *Bendito de mesa*, ocasião em que o grupo se destaca. O terço geralmente é cantado na forma usual de outras celebrações – hinos tradicionais entoados antifonalmente (canto e resposta) por um ou mais tiradores¹³ e por todos os presentes (MOREYRA, 1983).

De acordo com Moreyra (1983), em Goiás são usados dois sistemas de cantar folias: o goiano e o mineiro. No goiano, o mais antigo e geralmente encontrado nas Folias do Divino Espírito Santo e de São Sebastião, são ouvidas duas vozes dobradas, feitas por dois homens e dois meninos – estes últimos “cantam por cima”, ou seja, fazem os sons mais agudos. No entanto, hoje é comum encontrar homens fazendo as vozes agudas em falsete,¹⁴ pois os meninos se interessam menos pela folias. O denominado sistema mineiro consiste em uma cantoria a sete vozes: a do embaixador – aquele que tira a folia (inicia a cantoria) – e outras seis que entram sucessivamente. “A estrutura dessa cantoria é binária, sendo a parte A o solo do embaixador e a parte B a resposta dos foliões” (MOREYRA, 1984, p. 86). Apesar do nome, esse sistema é utilizado indistintamente tanto por famílias de origem mineira radicadas em Goiás quanto por goianos.

A Figura 14 é um exemplo do *Bendito de mesa* feito no sistema goiano para ser cantado a duas vozes masculinas em intervalo de terças, que podem ser observadas a partir do segundo compasso. Esse sistema de combinação de duas vozes é muito usado na música sertaneja.

¹³ Pessoas que fazem a primeira parte da reza ou do canto para os outros responderem.

¹⁴ Produção de um tipo de “voz de cabeça” feita artificialmente por um homem, depois que sua voz se fixou no registro de tenor ou baixo.

Folia de Reis - Mossâmedes, Goiás
Lento, arrastado

Lá do céu des-ceudois an - jo Lá do céu des-ceudois an - jo

Prá des - cê a-briu as a - sa Prá des - cê a-briu as a - sa.

Figura 14. *Bendito de mesa* no sistema goiano
Fonte: Moreyra (1984, p. 95)

O *Bendito de mesa* pode ser também cantado em um sistema misto entre o goiano e o mineiro (Figura 15). Como na parte (I), a entrada das três vozes. No segundo compasso da parte (II) observa-se a entrada da quarta voz (mi 3), e no penúltimo compasso nota-se a entrada da quinta e sexta vozes (sol e si: 4), terminando com o encadeamento do V-I graus.

Vem di - zen - do Vi - va, vi - va Vem di - zen - do Vi - va, vi - va

zen - do Vi - va, vi - va Vi - va es - ta be - la me - sa.

Figura 15. *Bendito de mesa* cantado no sistema misto
Fonte: Moreyra (1984, p. 96)

Pode-se observar na Figura 15 uma variação que configura um sistema misto: não há o solo do embaixador e tampouco o grito final; entretanto, faz-se a entrada sucessiva das vozes, que é um dos procedimentos dos sistemas mineiro e goiano de cantar Folia de Reis. Já o sistema mineiro é o mais elaborado, pois a cantoria é feita a sete vozes, incluindo a voz do embaixador que é cantada em forma de solo no início da cantoria. As vozes são apresentadas em entradas sucessivas que terminam em conjunto com o grito final.

Para melhor demonstrar como é o sistema mineiro, segue a Figura 16, que representa a cantoria de saída da Folia de Reis de Mossâmedes.

Embaixador

A - í He - ro - des per - gun - tou: Quem re - si - de

lá em Be - lém? Quem re - si - de lá em Be - lém?

Resposta

G C C G

E He - ro - des per - gun - tou Quem re - si - de lá em Be -

E He - ro - des per - gun - tou Quem re - si - de lá em Be -

E He - ro - des per - gun - tou Quem re - si - de lá em Be -

D Am D7 G

lém

Quem re - si - de lá em Be - lém

Quem re - si - de lá em Be - lém

lém Quem re - si - de lá em Be - lém

lém quem re - si - de lá em Be - lém

lém quem re - si - de lá em Be - lém

Figura 16. Cantoria de saída da Folia de Reis de Mossâmedes
Fonte: Moreyra (1983, p. 185)

A cantoria é iniciada pelo embaixador e a resposta é feita pelas três primeiras vozes em conjunto; depois entram a quarta e a quinta vozes e, finalmente, entra a sexta voz, que em conjunto com as outras finaliza com o longo grito.

A palavra-chave para o canto coral no sistema mineiro é duetar (cantar junto, a duas vozes). A partir dos sons dos instrumentos, as sete vozes combinam e se afinam, apoiando-se ao som das cordas da viola. Segundo Marchi (2006, p. 55), “a viola é a grande condutora da lusofonia portuguesa no Brasil”.

Nas figuras a seguir é possível observar a letra dos versos que foram colocados sob a melodia da cantoria de chegada da Folia de Reis do Jardim América, Goiânia (Folia do Mestre Tomás). Essa cantoria faz dois tipos de resposta: de verso dobrado e verso atalhado. O primeiro exemplo (Figura 17) é com o verso dobrado, identificado na resposta que é feita com a mesma letra do solo do embaixador a partir da terceira pauta.

Embaixador

A - ben - ço - a - da se - j'a ho - ra ai, que os tres

reis a - qui che - gou ai, que os tres reis a - qui che - gou.

Resposta

Ben - ço - a - da se - j'a ho - ra que os tres reis a -

qui che - gou que os tres reis a - qui che - gou.

Figura 17. Cantoria de chegada da Folia de Reis do Jardim América
Fonte: Moreyra (1984, p. 87)

A Figura 18 demonstra a cantoria de chegada com o verso atalhado. Observa-se que a letra da resposta é diferente da letra da melodia do embaixador.

Embaixador



San - to reis é - vai che - gan - do num rai - o de res - plen - dor

Resposta



Vai di - zen - do Vi - va, vi - va, vi - vao no - bre im - pe - ra - dor.

Figura 18. Cantoria de chegada com o verso atalhado

Fonte: Moreyra (1984, p. 87)

Nesta parte foram apresentados o *Bendito de mesa* (a duas vozes e a seis vozes, no sistema goiano), a cantoria de saída no sistema mineiro a sete vozes (Figura 16) e duas cantorias de chegada – com verso dobrado (Figura 17) e com verso atalhado (Figura 18).

Em geral, as cantorias usadas no terço são as mesmas entre as folias. Algumas partituras comuns às Folias de Reis podem ser consultadas nos anexos: *Mãezinha do céu* (Anexo A); *Obrigado Senhor* (Anexo B); *A nós descei divina luz* (Anexo C). O item 3.3 trata de outras cantorias do terço usadas pela Folia Estrela do Oriente.

Em seguida, serão apresentadas algumas cantorias da Folia Estrela do Oriente que são feitas no sistema misto (variação dos sistemas anteriormente citados). Os foliões utilizam a melodia do conhecido *Hino dos Três Reis Santos* e uma outra, também usada como elemento identificador dessa folia. As letras serão adaptadas às melodias citadas para compor as cantorias próprias dos rituais de: chegada; saudação ao dono da casa; recebimento da bandeira; agradecimento da esmola.

3.2 Repertório da Folia Estrela do Oriente

A Folia Estrela do Oriente se apresenta com a melodia do *Hino dos Três Reis Santos*. Essa melodia é adaptada a outros versos e cantada de acordo com o ritual do momento; por isso, tornou-se um dos elementos identificadores do grupo e passou a ser considerada um gênero musical ao dar nome às cantorias. A melodia é cantada em um sistema misto, ou seja,

mistura o sistema goiano de cantar a duas vezes com alguns procedimentos do sistema mineiro (A = embaixador e B = resposta e guincho final). Entretanto, não apresenta as entradas sucessivas das vozes. As vozes são apresentadas em conjunto, o que é uma das formas do sistema goiano de cantar Folias do Divino e de São Sebastião.

Na Folia Estrela do Oriente a melodia do *Hino dos Três Reis Santos* é apresentada com letras diferentes, além de ser também cantada em outras folias. Pode-se observar na partitura (Figura 19) o início da letra mais conhecida do hino. No segundo e terceiro compassos é apresentado o padrão rítmico usado na cantoria pelos instrumentos de percussão. O padrão é repetido ininterruptamente do começo ao fim da cantoria. A partitura foi transcrita a partir da audição de uma gravação de cantoria de chegada da Folia Estrela do Oriente, durante uma apresentação na Escola Municipal Joel Marcelino de Oliveira, no setor Finsocial, em Goiânia, no dia 29 de setembro de 2008.

Figura 19. Início do *Hino dos Três Reis Santos*
Nota: transcrição de Edsonina de Carvalho e Vandair de Lima

A seguir (Figura 20) pode-se observar a entrada em conjunto das vozes, inclusive a do embaixador.

The image shows a musical score for the final part of the hymn 'Hino dos Três Reis Santos'. It consists of two systems. The first system has three measures of music. The top staff is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The bottom staff is labeled 'Perc.' and contains a simple rhythmic pattern. Above the first measure is a 'G' chord symbol, above the second is a 'C' chord symbol, and above the third is a 'D' chord symbol. The second system also has three measures. The top staff continues the melody, with a 'G' chord symbol above the first measure. The second measure has a first ending bracket labeled '1.' and a second ending bracket labeled '2.'. The bottom staff continues the percussive pattern, with a first ending bracket labeled '1.' and a second ending bracket labeled '2.'. The score ends with a double bar line and repeat dots.

Figura 20. Parte final do *Hino dos Três Reis Santos*
Nota: transcrição de Edsonina de Carvalho e Vandair de Lima

3.2.1 Cantorias próprias

Na sequência serão apresentadas as cantorias próprias dos rituais que compõem a Folia Estrela do Oriente. Nessas cantorias é contada a história da viagem dos Três Reis Magos para visitar o Menino Jesus, representada pelo giro.

a) Cantoria de chegada

A letra é adaptada à melodia do *Hino dos Três Reis Santos*, assim como as demais.

*A Estrela d'Oriente fugiu sempre dos judeus,
Pra avisar os Três Reis Santos que o Menino Deus nasceu. (bis)
Os Três Reis quando souberam, viajaram sem parar.
Cada um trouxe presente pro Menino Deus saudar. (bis)
Nesse instante, num ranchinho, passou a estrela da guia,
Visitou todos os presentes onde o menino dormia. (bis)
Oh! Deus salve a casa santa onde é sua morada,
Aqui mora o Deus Menino e a hóstia consagrada. (bis)*

*Para todos os foliões muita paz e muita luz,
Sob o manto de Maria e as bênçãos de Jesus. (bis)*

b) Cantoria de saudação ao dono da casa

Essa cantoria é feita com a letra abaixo, em uma variação do sistema mineiro. Os foliões fazem a resposta ao embaixador no sistema goiano, a duas vozes, e no final entra uma terceira voz; juntos fazem o grito (A iai ai) = grito da resposta (bis).

*O' de casa nobre gente, escuta o que eu vou falar.
Aqui está os Santos Reis, que veio lhe visitar. (bis): A iai.ai...!
Santos Reis está me chamando, para festejar seu dia.
Visitar o Menino Deus, São José e Santa Maria. (bis): A iai ai...!
Já fizemos nossa audiência, agora vamos agradecer.
O' milagroso Santos Reis e que há de nos valer. (bis): A iai.ai...!*

c) Cantoria de recebimento da bandeira

*Senhor dono da casa
Recebe a nossa guia
Leva ela e vai beijar
O senhor e sua família. (bis)*

Depois desse canto o dono da casa pega a bandeira e percorre com ela todos os cômodos, a fim de abençoar o lar (algumas pessoas recebem a bandeira das mãos do alferes com os joelhos no chão). Em seguida o anfitrião entrega os donativos ao alferes da bandeira, em nome da família.

d) Cantorias de agradecimento da esmola

O palhaço pede a esmola ao dono da casa e os foliões agradecem com estes versos:

*Deus lhe pague a rica esmola
Que foi dada arreunida.
Os Três Reis que abençoa
E a Senhora Aparecida.*

Os foliões agradecem aos donos da casa:

*Senhor dono da casa,
Sua esmola também deu,
Ele deu com a mão direita
E os Três Reis agradeceu
A esmola da senhora
Os Três Reis quem vai pagar,
Ele há de ser a sua guia
Em todo lugar que andar.*

Na Folia Estrela do Oriente os versos são rimados, decorados, e outros são improvisados. Às vezes, as letras dos versos se apresentam de pés quebrados pela inadequação da prosódia, visto que os foliões fazem adaptações a outras letras que não foram destinadas à melodia. O *Hino dos Três Reis Santos* é cantado com a letra modificada, mas a melodia é resguardada e perfeitamente lembrada.

Os foliões da Estrela do Oriente utilizam também a melodia a seguir para fazer as cantorias próprias da folia, modificando as letras dos versos correspondentes às cantorias rituais. Essa melodia, outro elemento identificador da Folia Estrela do Oriente, assim como o *Hino dos Três Reis*, é usada principalmente nos dias do giro para fazer as seguintes cantorias: chegada; saída da bandeira; pedido de esmolas; agradecimentos pela esmola ofertada e outras.

e) Cantoria de chegada da bandeira – sistema misto

*A bandeira aqui chegou ai-ai. (bis)
Ela veio te visitar ai-ai. (bis)
Foi Deus que te mandou aqui ai-ai. (bis)
Pra abençoar sua família ai-ai. (bis)
Foi Deus que te mandou aqui ai-ai. (bis)
Filhos de Nosso Senhor ai-ai. (bis)*

A Figura 21 mostra a introdução feita pelo solo da sanfona e o solo do embaixador, que apresenta a letra do primeiro verso.

Sanfona



Embaixador




A ban-dei-ra_a-qui che - gou, ai, ai, e - la veio te vi-si - tar, ai, ai,

Figura 21. Início da cantoria de chegada da bandeira, sistema misto

Na Figura 22 observa-se a entrada das quatro vozes, que respondem ao embaixador com a primeira parte do verso, completando o grito com a quinta voz, acima da primeira voz (ai –). Pode-se perceber que a primeira voz feita em coro corresponde à mesma melodia feita pelo embaixador; entretanto, ela é cantada por outro folião.


Resposta

1ª voz




E - la veio te vi - si - tar, ai, ai, _____

2ª voz




E - la veio te vi - si - tar, ai, ai, _____

3ª voz



E - la veio te vi - si - tar, ai, ai, _____

4ª voz



E - la veio te vi - si - tar, ai, ai, _____

Figura 22. Entrada das quatro vozes da cantoria de chegada da bandeira, sistema mineiro.

A sequência (Figura 23) é o solo da sanfona. Depois disso, retorna o solo do embaixador, até que todos os versos tenham sido cantados.



Figura 23. Solo da sanfona da cantoria de chegada da bandeira, sistema misto

A Figura 24 mostra o final da cantoria de chegada da Folia Estrela do Oriente. A partitura completa pode ser vista no Apêndice H.



Figura 24. Final da cantoria de chegada da bandeira, sistema misto
 Nota 1: transcrição de Edsonina de Carvalho e Vandair de Lima.
 Nota 2: ver partitura completa no Apêndice G

f) Cantoria de saída da bandeira

A bandeira daqui saiu ai-ai. (bis)

Ela veio te visitar ai-ai. (bis)

Foi Deus que te mandou aqui ai-ai. (bis)

Pra abençoar sua família ai-ai. (bis)

Foi Deus que te mandou aqui ai-ai. (bis)

Filhos de Nosso Senhor ai-ai. (bis)

A bandeira vai sair ai ai (bis)

g) Canto de despedida (*Adeus dos foliões*)

Folião não quer que eu chore.

Folião não vai chorar.

Adeus dono casa.

Até no outro ano.

Eu vou voltar!

D

Fo-lião não quer que eu cho-re fo-li-

Perc.

A D

ão não vai cho-rar A deus do-no da ca-sa a-té n'ou-tro

Perc.

A D 1. D 2.

a - no eu vou vol - tar. Fo - li tar.

Perc.

Figura 25. *Adeus dos foliões*
Nota: transcrição de Edsonina de Carvalho e Vandair de Lima

Observa-se que os versos são variados, mas o sistema de entrada das vozes continua a se apresentar da mesma maneira. Após o grito do último verso, a sanfona faz a melodia final: cada folião sustenta a última nota, correspondente à sua voz. Os instrumentos acompanham a sanfona e o coral sem interrupção, do começo ao fim da cantoria.

3.2.2 Cantorias do terço na Folia Estrela do Oriente

O terço é rezado em todos os dias do giro da Folia Estrela do Oriente. O canto *O sinal da cruz* (Figura 26), usado no início das celebrações da Igreja Católica, é cantado, na Folia Estrela do Oriente, antes de iniciar o terço. Os foliões agradecem ao dono da casa com o canto *Obrigado Senhor* feito em uníssono.¹⁵ Observa-se que eles usam também esse mesmo canto (AnexoB), feito a duas vozes após o importante momento ritual do *Bendito de mesa*. Como citado anteriormente, eles cantam os hinos tradicionais de louvor a Nossa Senhora, como *Louvando a Maria, Mãezinha do céu e Com minha mãe estarei*, entre outros.

¹⁵ Música tocada ou cantada na mesma altura de som.

Em no-me do Pai, em no-me do Fi - lho, em no-me do Es-
 pí-ri-to San-to es-ta-mos a - qui Em no-me do Deus Tri-no de a - mor.
 Pa-ra lou - var e a-gra-de - cer, ben - di - zer e a-do - rar esta-mos a -
 qui Se - nhor ao seu dis - por Pa-ra lou - var e a-gra-de -
 cer, ben - di - zer e a do - rar, te a - cla - mar Deus Tri-no de a - mor.

Figura 26. *O sinal da cruz*

A Estrela do Oriente conserva melodias cantadas também no terço de outras folias – um momento sempre solene, de muita devoção e beleza. A Figura 27 mostra a transcrição de um dos cânticos mais tradicionais, que também é cantado pela Folia Estrela do Oriente – com a mesma melodia e a mesma letra – em outros momentos, como antes das refeições, após a reza de um pai-nosso.

Em nós des - cei, Di - vi - na Luz Em nos - sas al-mas a - cen-
 dei o a - mor o a - mor de Je - sus, o a - mor, o a - mor de Je - sus.

Figura 27. *A nós descei Divina Luz*
 Fonte: Moreyra (1984, p. 90)

Esse mesmo canto continua a ser usado pelos católicos durante a reza do terço, sobretudo na Renovação Carismática Católica, mas com muitas modificações. Segundo Moreyra (1984, p. 88), os cantos que faziam parte do ritual do terço foram vítimas de inevitáveis deturpações transmitidas oralmente há dezenas de anos, sendo possível encontrar inúmeras variantes de cada um deles. Um exemplo dessas alterações está no Anexo C, onde *A nós descei Divina Luz* é apresentado da maneira como é cantado hoje fora da folia.

3.2.3 Cantoria do *Bendito de mesa* (agradecimento de mesa)

Esta é a letra usada pela Folia de Reis Estrela do Oriente durante o ritual de agradecimento pela refeição oferecida. Esse ritual é um dos mais importantes entre os que compõem as cantorias.

Bendito louvado seja (bis)
O Santíssimo Sacramento.
Que tirou a nossa fome (bis)
Que nos deu o alimento.

Lá do céu desceu um anjo (bis)
Com duas velinhas acesas.
Vem dizendo viva viva (bis)
Viva os donos dessa mesa.

Lá do céu desceu dois anjos (bis)
Pra descer abriu as asas.
Vem dizendo viva viva (bis)
Viva os donos dessa casa.

3.3 Estrutura da Folia de Reis Estrela do Oriente

A Folia Estrela do Oriente é composta por trinta foliões e se apresenta dividida em grupos de treze a quinze pessoas. Os foliões se revezam nas apresentações culturais que acontecem durante o ano e principalmente durante os dias do giro, uma vez que as cantorias são intensificadas pela quantidade de dias e de horas a ser cumprida de acordo com a jornada estipulada pelo grupo.

A parte instrumental é composta por dois violonistas, um violeiro, um sanfoneiro, um cavaquinista e os percussionistas de chocalho, reco-reco, pandeiro e caixa. Apenas quatro foliões não atuam como instrumentistas e tampouco como cantores: os dois palhaços, a alferes da bandeira e a foliona que tem a função de dar apoio, suprindo as necessidades básicas do grupo. Entretanto, eles são indispensáveis para compor esse movimento cultural de devoção e festa.

Os foliões da Estrela do Oriente não separam a fé em Santos Reis do caráter festivo, pois cantam, tocam instrumentos, fazem as orações e as refeições de forma conjunta. Eles compartilham os momentos alegres e tristes, confiantes que com a ajuda de Santos Reis tudo acabará bem. Como enfatiza Lucas (2002, p. 70), “na festa há uma interação do profano com o sagrado, em que a música age como elemento de coesão entre os componentes do grupo e a comunidade, que dá o colorido à festa, à ritualização da memória”.

3.4 Ordem de Apresentação dos Foliões

Na Folia Estrela do Oriente a bandeira vai à frente, sustentada pela alferes Jany Vieira e, às vezes, por Getúlio Nepomuceno – um dos primeiros alferes dessa folia, como mencionado anteriormente. Os palhaços, Edmar e Emídio, são os guardiões da bandeira, mas também representam o papel de soldados e espiões de Herodes, perseguidores de Jesus.

Nas apresentações os foliões cantores e instrumentistas de cordas se aproximam para facilitar a entoação da cantoria, pois as vozes dependem umas das outras para fazer a harmonização. Às vezes, sutilmente, a fila se desfaz. Contudo, “é importante ficarem todos juntos para melhor combinar o som das vozes”, como lembra o Sr. José, folião da segunda voz.

Os tocadores e cantores se apresentam em fila dupla. Do lado esquerdo da fila posiciona-se o embaixador, Sr. Valdeci, que sempre se coloca em primeiro lugar na cantoria, pois sua voz é considerada a melodia principal. Ele faz o solo de entrada e norteia todas as outras vozes. Para preparar a entrada do embaixador o tocador da sanfona faz a introdução, dando a base tonal da cantoria. Na sequência, ainda do lado esquerdo da fila, posicionam-se os foliões da terceira e quinta vozes, do chocalho, do pandeiro e finalmente, da caixa. A terceira voz faz uma melodia diferenciada, com notas repetidas e intervalos maiores. A primeira e a quinta vozes têm a mesma melodia, sendo esta última feita a uma oitava acima (notas agudas).

Do lado direito posicionam-se os foliões na seguinte sequência: os da segunda e da quarta vozes, que cantam a mesma melodia com diferença de uma oitava (oito notas acima da segunda voz); os tocadores de reco-reco e de caixa; a foliona Maria Rosa, que exerce a função de apoio.

Os festeiros e atuais presidente e coordenadora da Estrela do Oriente – Sr. Adão e a mulher dele, D. Duzinha – ficam por último na fila e se posicionam livremente. Os demais presentes, que ficam por perto, são reconhecidos como acompanhantes da folia.

3.5 A Música na Folia Estrela do Oriente

A música da Folia de Reis Estrela do Oriente é cantada e acompanhada pelos tocadores dos seguintes instrumentos: uma sanfona, uma viola, dois violões, um cavaquinho, um chocalho, um reco-reco, dois pandeiros e a caixa. A cantoria é feita a cinco vozes, incluindo a voz do embaixador.

Os foliões se consideram uma irmandade, como se fossem da mesma família. Eles se encontram com frequência e é possível observar que no grupo a música promove união e alegria. Nota-se, ainda, que o embaixador incentiva outros foliões a também fazerem o seu solo, para aprender a “tirar folia”. É comum que algum cantor desafine a cantoria, mas a coordenadora justifica esse fato, alegando que todos têm o direito de louvar aos Santos Reis.

O grupo poderia ser comparado a uma orquestra de música popular, pois nele é observada a mesma sinergia existente entre os músicos de uma orquestra tradicional ao afinarem os instrumentos antes de uma apresentação. Os foliões da Estrela do Oriente também fazem uma concentração antes de executarem os instrumentos, afinando-os com cuidado para só então darem início à cantoria.

Os instrumentos de percussão fazem o acompanhamento rítmico de modo cíclico, pois repetem as mesmas batidas estipuladas para cada instrumento durante toda a cantoria. Quando algum deles sai do ritmo, basta um olhar do embaixador para que todos entrem no compasso. Isso acontece principalmente com a caixa, pois é ela que comanda a parte rítmica, assim como a sanfona dá suporte à afinação das vozes e dos instrumentos. O pandeiro dá o balanço faceiro da música popular brasileira, juntamente com o chocalho e o reco-reco. Segundo o embaixador, Sr. Valdeci Clemente, “o violão, o cavaquinho e os instrumentos de percussão são igualmente importantes, pois sem eles a folia não tem a mesma graça”. As palmas dos participantes, a dança e as piruetas dos palhaços também ajudam a compor o ritmo da folia.

As melodias são simples, mas a combinação das vozes com os instrumentos é um processo engenhoso. A música da folia apresenta uma dinâmica que vai crescendo e diminuindo a cada verso. Podemos perceber as *nuances* da intensidade do som, de acordo com a quantidade de vozes exibidas e o ânimo dos foliões.

Na Estrela do Oriente predomina o sistema misto de cantar a cinco vozes, como já citado – mistura dos sistemas mineiro e goiano, sendo este último considerado uma variação do sistema mineiro de sete vozes, o modo costumeiro de cantar Folia de Reis.

A melodia do *Hino dos Três Reis Santos* é considerada um dos elementos identificadores da Folia Estrela do Oriente. A essa melodia os foliões adaptam as letras das cantorias de chegada e de saída, de pedido da esmola e de agradecimentos, entre outras.

A introdução de cada música sempre é feita pelo sanfoneiro, que é acompanhado por todos os outros instrumentistas, exclusive os da percussão, dando a base rítmica da cantoria. Os instrumentos de cordas sustentam a melodia e, assim, o clima é preparado para a entrada do solo do embaixador. Logo em seguida, em conjunto, os foliões de segunda, terceira, quarta e quinta vozes respondem à primeira voz do embaixador. Observa-se que a segunda e a quarta vozes cantam a mesma melodia com diferença de uma oitava acima.

Os foliões têm o costume de dobrar o verso, ou seja, repetir a melodia com a mesma letra. Cada folião canta sua melodia tomando por base o intervalo de terça e raramente sai da tonalidade. Finalmente entra a quinta voz, que corresponde uma oitava acima da primeira, cantada pelo embaixador. As cinco vozes sustentam o grito final até que o som desapareça para reiniciar o próximo verso, sempre com a voz do embaixador. A quinta voz é feita por duas mulheres. Quando elas faltam, o presidente da folia – Sr. Adão Viana – as substitui, fazendo essa voz em forma de falsete. Na finalização da cantoria juntam-se as cinco vozes, com o tradicional grito. Os instrumentos jamais deixam de acompanhá-las. Na Folia Estrela do Oriente raramente é cantada a sexta voz.

Deve-se ressaltar, por fim, que os devotos dos Santos Reis integrantes da Folia Estrela do Oriente do Setor Pedro Ludovico cantam e tocam seus instrumentos com muita dedicação, respeitando as regras, as obrigações que as cantorias próprias da folia de Reis exigem com muita fé e alegria. Empenham-se em “mover bem os sons e os ritmos”, como disse Santo Agostinho na tentativa de definir a música.

4. CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi conhecer melhor, por meio do estudo da Folia de Reis Estrela do Oriente, a tradição fundamentada no catolicismo popular inserida na cultura do povo brasileiro por meio da colonização portuguesa. Atualmente a manifestação das Folias de Reis está presente em várias regiões do Brasil e cada uma delas foi ganhando contornos que imprimiram nesses grupos diferentes modos de expressão e comunicação de fé. Assim, como cada grupo apresenta suas peculiaridades, e trata-se de um tema muito rico, buscou-se, com esta pesquisa, identificar em que aspectos a Estrela do Oriente se diferencia das demais folias.

Para isso, durante o acompanhamento das atividades da folia, o olhar deste trabalho foi direcionado para o comportamento dos foliões durante os rituais próprios – sustentados pela música – e para as relações desenvolvidas entre os integrantes do grupo. A música tem papel imprescindível nesse tipo de tradição; por isso, além da história da Estrela do Oriente, dedicou-se atenção especial à sonoridade que compõe essa expressão popular.

Primeiro, com o auxílio das bases teóricas fornecidas por autores como Brandão (1985, 2004), Oliveira (1976) e Laraia (1986), entre outros, foi possível compreender melhor a dinâmica que envolve uma Folia de Reis e, especificamente, a Estrela do Oriente. Percebeu-se, no acompanhamento do giro e de apresentações que acontecem fora do ciclo natalino, que folia é tradição, é festa, mas é também preservação da cultura popular, da religiosidade e, principalmente da fé – o elemento que move pessoas comuns que durante alguns dias específicos do ano deixam de lado suas rotinas para reviver uma narrativa milenar.

Por meio da pesquisa etnográfica foram detectados os problemas enfrentados e as mudanças ocorridas quando o grupo que deu origem à Estrela do Oriente – que teve início na fazenda Estaca, no município de Itaberaí – transferiu-se da zona rural para a zona urbana. Em meio às dificuldades de adaptação ao novo ambiente (Goiânia), entre elas a estruturação financeira e a busca por emprego, a família e amigos encontraram no apoio mútuo a sustentação para viver e manter a tradição da folia.

Em decorrência da mudança geográfica, transformaram-se também alguns hábitos e, conseqüentemente, alguns aspectos da tradição. Por exemplo: na fazenda o giro era feito a cavalo, enquanto na cidade passou a ser feito com o uso de veículos ou a pé, devido à proximidade das casas. O pouso da folia ficou restrito à bandeira, aos instrumentos e para dois foliões-guardiões da bandeira, porque os espaços das casas da cidade são menores que os das fazendas, não fornecendo conforto para acomodar todos os foliões. O fato de não haver o

pouso tradicional acaba comprometendo a concentração no giro e facilita a dispersão de alguns foliões. Isso acarretava atrasos, como por exemplo no café da manhã. Outra mudança sentida pelos foliões foi com relação à alimentação: na fazenda eram diferentes o tipo de comida, o modo de preparo das refeições e o horário em que elas eram servidas.

Entretanto, mesmo com a necessidade de adaptação às novas condições de vida, a mudança para Goiânia trouxe um ponto bastante positivo: despertou naquelas pessoas o espírito de solidariedade e irmandade que passou a permear as relações, tanto entre os familiares, quanto entre eles e os novos adeptos da folia. Exemplo dessa afinidade é a família Viana, que até hoje permanece engajada no grupo.

A pesquisa etnográfica revelou também os principais momentos em que a vontade de preservar a tradição teve que vencer as adversidades. Por exemplo, após o falecimento de Terezinha Rocha, irmã de Getúlio Damas Nepomuceno, a folia quase foi extinta. Foi quando a atual coordenadora, Domingas Monteiro (D. Duzinha), assumiu a responsabilidade de reorganizar o grupo. A participação dela é de vital importância para a folia, uma vez que D. Duzinha, com extrema dedicação promoveu a reestruturação que culminou com o registro da atual Folia de Reis Estrela do Oriente do Setor Pedro Ludovico. Apesar de preferir não chamar atenção sobre si, D. Duzinha é reconhecida e respeitada dentro do grupo. Além de um nome e de uma nova organização, D. Duzinha – com o auxílio do marido, Sr. Adão – forneceu à folia uma nova identidade, renovada por uma atuação dinâmica e pró-ativa.

A participação feminina na folia foi um aspecto que despertou interesse durante o trabalho de pesquisa. Outras figuras marcantes são Jany Vieira (alferes da bandeira) e Maria Rosa Barbosa (que exerce a função de apoio), que junto com D. Duzinha ajudam a manter a disciplina e a ordem do grupo. No entanto, apesar do empenho, em geral as mulheres exercem funções de menos destaque dentro da folia, embora igualmente importantes. Esse, aliás, é um tema que merece estudos mais aprofundados, mas que não foram possíveis dentro deste trabalho de pesquisa.

Como a Folia de Reis também é fé e devoção, esta pesquisa buscou compreender como os integrantes da Estrela do Oriente lidam com a religiosidade. Concluiu-se que, apesar de a folia ser uma tradição ligada historicamente ao catolicismo, não existe, entre a maioria dos integrantes, um comprometimento com as atividades da Igreja. Também não existe a necessidade de os foliões serem católicos praticantes para participarem do grupo. No entanto, a confiança e a devoção aos Santos Reis é o que move essa expressão de religiosidade cultural. Oliveira (1997, p. 47) define catolicismo popular como “um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código

do catolicismo oficial.” Para o autor, o elemento central do catolicismo popular é o santo. Observamos que a fé e a confiança nos Santos Reis é confirmado pelos devotos, especialmente falando dos foliões da folia pesquisada.

Na música, foi possível observar que as cantorias da Folia Estrela do Oriente se identificam com as de outras folias goianas, principalmente quanto aos versos, que conservam o mesmo sentido. Entretanto, varia o modo de cantar, pois geralmente a Estrela do Oriente mistura os sistemas goiano e mineiro de cantar folias em suas próprias cantorias. Um exemplo de modificação é a utilização de cantos do ritual do terço, porém também praticados no ritual do *Bendito de Mesa*, com a adaptação de letras a melodias conhecidas. Pode-se destacar ainda o canto *Obrigado Senhor*, feito após o jantar de cada dia de jornada, cantado em uníssono e a duas vozes, no estilo goiano, sendo que a cantoria de Folias de Reis é feita no sistema mineiro de “cantar a sete vozes com entradas sucessivas, que correspondem: à voz do embaixador e à resposta feita pelos foliões a seis vozes” (MOREYRA, 1984, p. 86). Esse sistema mineiro é o elemento identificador de Folias de Reis, enquanto na Estrela do Oriente utiliza-se da variação do sistema mineiro feito a cinco vozes.

Conclui-se que todas as adaptações vivenciadas pela Folia Estrela do Oriente significaram desafios para que o grupo crescesse. Pode-se dizer que é visível no grupo a resistência em manter a tradição, a cultura, a fé e a beleza da história que gira em torno das figuras dos Santos Reis. Mas observa-se, que apesar desse esforço, a folia tem sofrido uma transformação que pode levar à descaracterização do ritual que lhe é próprio. Isso fica evidente nas apresentações que acontecem fora do giro – embora os eventos ajudem a divulgar essa importante expressão cultural, religiosa e musical. Para algumas pessoas, como Carlos Brandão (2007, p. 263), essas apresentações das folias em grandes eventos, fora do calendário natalino, podem transformar o ritual em espetáculo. “É uma transformação do espetáculo em algo mais pobre ainda do que o espetáculo, ou seja, algo que se universaliza pelo pior caminho e se transforma em um simulacro, em uma espécie de mentira do que deveria ser.”

Assim, considerando as reflexões feitas neste trabalho e a importância de manter a tradição secular representada pelas Folias de Reis fica como sugestão para pesquisas posteriores o aprofundamento nesse tema da transformação do ritual em espetáculo, citada por Brandão. O papel da mulher dentro da Folia de Reis também é um aspecto que merece a atenção de outros pesquisadores. OS conhecimentos artísticos musicais podem ser utilizados significativamente para o entendimento da vida do indivíduo na sociedade. Assim, a

etnomusicologia continua sendo um rico tema a ser estudado como instrumento de comunicação e expressão por meio do som.

Finalmente, propõe-se à Secretaria de Educação do Estado de Goiás, às instituições particulares de ensino regular e de música a participação para elaborar o projeto de instituição de uma sede, um Ponto Cultural, em Goiânia. O objetivo desse centro seria atender as inúmeras necessidades e amenizar as dificuldades que os mestres de cultura popular enfrentam, devido à falta de recursos financeiros e de capacitação profissional. Desse modo, melhoraria a divulgação e haveria o fortalecimento da cultura popular brasileira, contribuindo com a preservação do nosso patrimônio imaterial.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Azevedo. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- BALFET, H. *Des chaines operatoires*. Paris: CNRS, 1991.
- BENNETT, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- _____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 2004.
- _____. *Revista Hábitos*, v. 5, n. 1, p. 253-264, jan. /jun. 2007.
- CABÚS, Lígia. *O significado esotérico dos Reis Magos*. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081225061913AAfMnWO>>. Acesso em: 24 out. 2008.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Festa e religião: abordagens ampliadas e diversificadas. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (Orgs.). *Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo, 2003. p. 23-38.
- CASCUDO Luiz da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.
- CLÍMACO, Magda de Miranda. Uma abordagem da forma musical como elemento constitutivo da trama social. *Música Hodie: revista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Escola de Música e Artes da Universidade Federal de Goiás, Goiânia*, v. 2, 2002.
- CRUVINEL, Flávia Maria. *Educação musical e transformação social*. Goiânia: ICBC, 2005.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 2000.[1. ed. 1912].
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GIMENEZ, Armando. *Reis Magos – santos esquecidos dentro das tradições do Natal*. Portal da Família. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org.br/datas/natal/reismagos.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. [1. ed. 1986].

LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARCHI, Lia Toucadores. *Portugal – Brasil: sons em movimento*. Curitiba, 2006.

MOREYRA, Yara. *Revista Goiana de Artes: órgão oficial do Instituto de Artes da UFG, Goiânia*, v. 5, n. 1, p. 123-154, jul./dez. 1982.

_____. *Revista Goiana de Artes: órgão oficial do Instituto de Artes da UFG, Goiânia*, v. 4, n. 2, p. 135-172, jul./dez. 1983.

_____. *Revista Goiana de Artes: órgão oficial do Instituto de Artes da UFG, Goiânia*, v. 3, n. 2, p. 43-111, jan./jun. 1984.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *O catolicismo do povo. A religião do povo. Cadernos Studium Theologicum*, Curitiba: Editora Ave Maria, 1976.

_____. *O catolicismo popular: tradicional, privado e da libertação. CEB's: vida e esperança nas massas*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco. Texto Base, 9º Encontro Intereclesial - São Luiz, MA, 1997.

OLIVEIRA, Simone G. de. *A bandeira pede passagem. Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade*. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres. (Orgs.). *Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo, 2003.

PEREZ, Léa Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas*. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Meu senhor dono da casa: os 50 anos da Folia de Reis de Lages*. Goiânia: O Popular, 1993.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. *As viagens dos Reis Magos*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no sul de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC-SEC; Funarte: Instituto Nacional do Folclore, 1982.

RIVIÈRE, Cláudio. *Os ritos profanos*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

SEEGER, Anthony. *Ethnography of music*. In: MYERS, Helen (Ed.). *Ethnomusicology: an introduction*. London: W.W Norton & Company, 1992, p. 88-109.

TASSINARI, Antonella. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA, A. L. e GRUPIONI, L.D. (Orgs.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VALENTE, Patrícia. *Os três Reis Magos: astrólogos do Oriente*. São Paulo, 2008.

YAMAUCHI, Edwin. *Persia and the Bible*. Grand Rapids: Baker Books, 1996.

APÊNDICES



APÊNDICE A – Aparecida Nepomuceno e foliões



APÊNDICE B – Foliões da Estrela do Oriente na praça do Sesc Faiçalville



APÊNDICE C – Procissão na Praça do Sesc Faiçalville



APÊNDICE D – Chegada da procissão na Praça Sesc Faiçalville



APÊNDICE E – Grupo de congada recebe a chegada da procissão



APÊNDICE F – Saída dos personagens e foliões

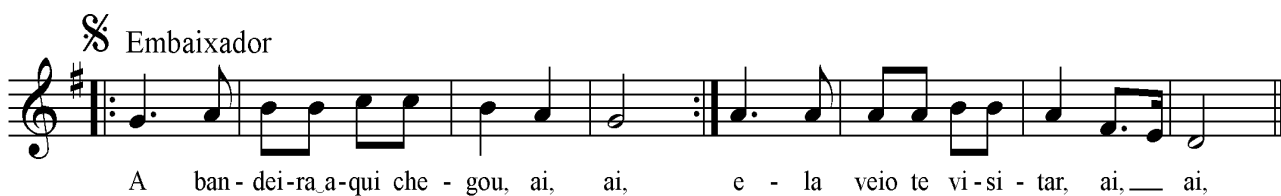
APÊNDICE G – Cantoria de chegada da bandeira – sistema misto (elemento identificador da Folia de Reis Estrela do Oriente)

Sanfona



Musical notation for the Sanfona instrument, first system. It is in G major and 2/4 time, starting with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody consists of eighth and quarter notes.


Embaixador



Musical notation for the Embaixador instrument with lyrics. It is in G major and 2/4 time, starting with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody consists of quarter and eighth notes. The lyrics are: A ban-dei-ra_a-qui che - gou, ai, ai, e - la veio te vi-si - tar, ai, ai.


Resposta

1ª voz



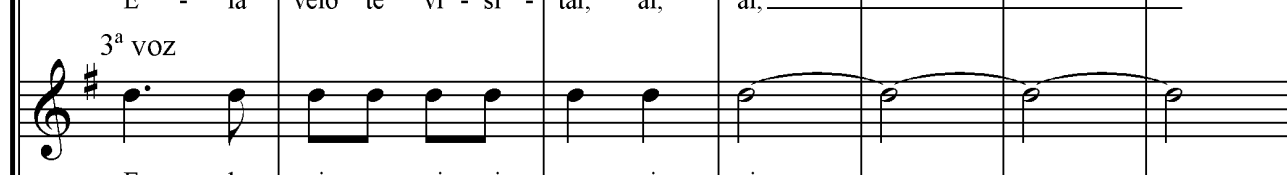
E - la veio te vi - si - tar, ai, ai,

2ª voz




E - la veio te vi - si - tar, ai, ai,

3ª voz



E - la veio te vi - si - tar, ai, ai,

4ª voz



8 E - la veio te vi - si - tar, ai, ai,

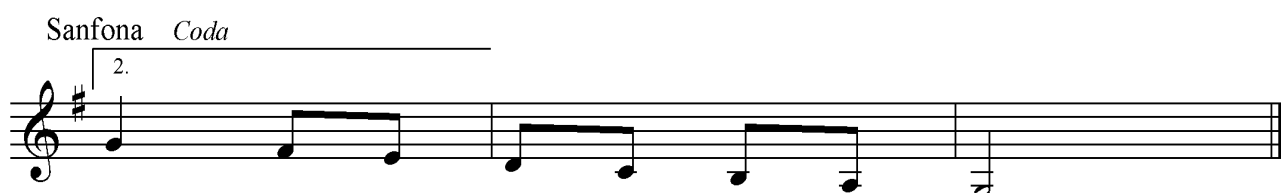
Musical notation for the Resposta section, featuring four voices. Each voice part is in G major and 2/4 time. The lyrics are: E - la veio te vi - si - tar, ai, ai.

Sanfona



Musical notation for the Sanfona instrument, first ending. It is in G major and 2/4 time, starting with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody consists of quarter and eighth notes. The notation includes a first ending bracket and the instruction *D.S. al Coda*.

Sanfona Coda



Musical notation for the Sanfona instrument, Coda section. It is in G major and 2/4 time, starting with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody consists of quarter and eighth notes. The notation includes a second ending bracket and the instruction *2.*

ANEXOS

ANEXO A – Mãezinha do céu (terço cantado)

Mãe - zi - nha do céu eu não sei re - zar Só sei lhe di - zer qu'eu

que - ro é te a - mar A - zul é teu man - toe bran - co é teu

véu Mãe - zi - nha, eu que - ro te ver lá no céu Mãe -

zi - nha, eu que - ro te ver ____ lá no céu.

Fonte: Moreyra (1984, p. 88)

ANEXO B – *Obrigado Senhor*

D Em

O - bri - ga - do Se - nhor por que és meu a - mi - go
No per - fu - me das flores, nahar - mo - ni - a das co - res,

A7 D

— por - que sem - pre co - mi - go — Tú es - tás a fa - lar
— e no mar que mur - mu - ra — o seu no - mea re - zar

G D

Es - con - di - do Tú es - tás no ver - de das flo - res - tas nas a - ves em

A7 D G

fes - ta no sol a bri - lhar Na som - bra que a bri - ga a bri - sa a -

D A7 D A7 D

mi - ga, no ven - to que cor - re li - gei - ro a can - tar. O - bri - ga - do, Se - nhor!

Transcrição: Edsonina de Carvalho e Vandair de Lima

DOCUMENTOS DA FOLIA DE REIS ESTRELA DO ORIENTE